

# **Final Feliz em Nova York**

*Personagens: 4*

*1- Ilana*

*2- Emma*

*3- Ângelo*

*4- Nathan*

1960

*Emma e Ilana chegam ao apartamento –nova morada de Emma. Ilana é uma mulher de 50 anos, esguia, certa em suas falas e movimentos, elegante ao se vestir, pouca maquiagem. Ela, além de melhor amiga e confidente, é também a editora de Emma.*

*No cenário, móveis cobertos por lençóis brancos: uma cama de solteiro, um cavalete e uma bancada larga. Noutra ponta, uma mesinha com uma máquina de escrever, um cinzeiro e uma cafeteira(única peça que não esta coberta por lençóis). Emma possui uma dor elegante, mas é leve. Manteve uma pureza no olhar e, por isso, soa ingênua. Mas é forte. Mais forte do que imagina. O cenário possibilita a execução de dois planos – um tempo presente, onde Emma dialoga com as lembranças no novo apartamento; e o passado, que abriga os flashbacks da vida de Emma e dos antigos moradores daquele imóvel. Ao fundo temos a vista do Central Park, e suas arvores, coadjuvantes da nossa historia. Temos neste inicio, a trilha sonora de Billie Holiday, que ajudará a contar esta historia com suas canções. Começamos com SOLITUDE.*

## CENA 1

**Ilana** -Emma, agora você tem um lar!

**Emma** -Devagar, Ilana. Não exagere. Para este apartamento ser um lar precisaria deixar de parecer uma catacumba.

**Ilana** -Tudo se arruma com o tempo, querida. Embaixo desses lençóis tem mais vida do que você imagina. Aliás, vida é uma coisa que você ainda não conhece. Até aqui você estava dormindo.

**Emma** -E tendo alguns pesadelos.

**Ilana** -Pois agora você pode sonhar acordada. *(Abrindo as cortinas)* Veja o Central Park, que maravilha. Isso sim é uma paisagem. O resto é cartão postal de quinta categoria.

**Emma** -Você hoje está mais ácida do que de costume.

**Ilana** -Estamos em Nova York, a capital do mundo, Emma. Aqui não há espaço para muita sutileza. Em Manhattan a verdade de cada um se impõe.

**Emma** -E a sua verdade é assim? Ferina?

**Ilana** -Não há doçura que resista a uma mágoa.

**Emma** –(*Abrindo os braços*) Nem amargura que não sucumba ao abraço da sua melhor amiga.

**Ilana** -(*Aceitando o carinho*) Você é muito melhor do que eu, Emma.

**Emma** - Impressão sua. Somos boas quando estamos boas e melhores ainda quando queremos ser péssimas.

**Ilana** - Controla essa sua vilania encubada, Mae West, que daqui pra frente eu te quero doce. Eu te trouxe pra cá na intenção de despertar coisas belas. Chega de romances e novelas com desfechos trágicos. Quer drama? Viva a sua vida trancafiada na cozinha de casa. Suas leitoras querem sentir esperança. E eu, como sua editora, também.

**Emma** -Nós duas sabemos muito bem que o meu último livro só fez o sucesso que fez porque tocou na ferida de todas as mulheres. Arrancou as peles do casamento, descortinou as hipocrisias, falou de Maria pra Maria, castigou José como toda mulher queria. Minha pena só escreve o que o meu coração enxerga. E o meu coração, no fim de cada história, não tem vontade de sorrir. Porque comigo foi assim: minha volta por cima não dispensou os dissabores, não disfarçou as cicatrizes.

**Ilana** -E você vai criar raízes nesse terreno tão infértil? Não seja idiota. Abra logo essa porta e deixa Nova York te ensinar a ser feliz. (*Abre uma janela*).

**Emma** - Feche a janela, Ilana. Esse vento faz mal para as minhas dores.

**Ilana** -Deixa de frescura, Emma Stone. O vento te incomoda porque consome a sua inércia, sua preguiça de sair do lugar.

**Emma** –(*Solene*) O vento espalha as coisas e eu fui criada para arrumar, para organizar o que na minha cabeça jamais deixou de ser bagunça.

**Ilana** –(*Assertiva*) Terapia essa hora não, minha filha. Isso deve ser abstinência sexual, hein? Seu último livro deixou bem claro que por baixo do seu avental de esposa perfeita havia uma fera no cio.

**Emma** - Aquilo tudo era um engodo, era jogo. Minha experiência em pornografia nunca passou da imaginação. E depois do Peter, não quero mais saber de homens.

**Ilana** -Diz isso pra eles. Porque lá na editora não param de chegar propostas de casamento, de sexo casual...

**Emma** –Isso é normal! Os homens querem seduzir a personagem e não a escritora. Depois que descobriram que Arthur Porter era o pseudônimo de Emma Stone, ficaram tentados a me desafiar. Porque no fundo todo homem que vê uma mulher progredir, fazer sucesso, deseja frear-lhe o progresso, devolvê-la ao seu lugar original: debaixo dele na cama.

**Ilana** –(*Maliciosa*) Mal sabem que se nos deixam livres para sermos insanas, ensinaríamos posições muito mais interessantes.

**Emma** –(*Séria*) Pra mim o mais importante agora é organizar a minha vida, me estabelecer no mercado e recuperar a guarda dos meus filhos. Só de pensar no que o Peter tem falado de mim pra eles. Injúrias, difamações. Vinte e cinco anos suportando os grilhões do casamento, e no momento da alforria fico presa no ressentimento de deixar pra trás a minha cria, me corrói o pensamento de não ter sido a mãe que eu queria, porque foi impedida de ser quem eu sou.

**Ilana** -Um dia vai passar essa culpa, Emma. Vai se dissolver o dissabor. E seus filhos saberão de tudo o que se passou e poderão ser homens muito melhores do que o homem que você os deu como pai.

**Emma** –(*Arrependida*) Se eu pudesse voltar atrás.

**Ilana** –(*Conclusiva*) Mas não pode. Então, sacode a poeira, dê a volta por cima e aproveite o outono. Esse livro é o seu único dono, só ele, nesse momento, merece a sua atenção. (*Indo até à máquina de escrever*) Veja que coisa mais moderna eu comprei para você! Então, faça valer o meu investimento e escreva o melhor livro da sua nova vida. Porque os livros da vida antiga foram ótimos, mas ficaram pra trás. Página virada, edição esgotada! A Emma dramática foi assassinada por um tiro certo de autoestima. E lembre-se, minha menina: queremos uma história com final feliz. Voltarei no fim do mês para dar o meu aval. Até lá, tente ficar bem, passeie –lá embaixo tem um café maravilhoso –conheça a civilização. Para quem morou a vida inteira na Filadélfia isso aqui pode ser fatal. E há fatalidades geniais nessa vida.

**Emma** -Talvez eu não consiga escrever do jeito que você quer...

**Ilana** -Você é mulher pra conseguir qualquer coisa. E esse cenário pode reservar boas surpresas.

**Emma** –(*Desconfiada*) Quem morava nesse apartamento, Ilana? Alguém morreu aqui dentro?

**Ilana** –(*Disfarçando*) Pra que tanto tormento, Emma? Você tem medo de fantasma?

**Emma** –(*Infantil*) Tenho pavor. Eu me arrepio toda só de pensar que estão me vendo.

**Ilana** –(*Irônica*) Devia estar acostumada, pois sendo mulheres jamais ficamos sozinhas. Mesmo com a luz apagada estão olhando pra gente.

**Emma** –(*Insistente*) Quem viveu aqui, Ilana?

**Ilana** –(*Conclusiva*) Alguém que já deve ter morrido. Mas não aqui. Aqui é o lugar onde os moradores percebem-se vivos. Agora deixe-me ir, preciso me adiantar. Não quero perder o trem para Long Island.

**Emma** -Você vem me visitar?



**Ilana** -Você não precisa de visitas. Já tem gente demais morando em você.

*E sai. Emma, sozinha, assustada, excitada, olhos atentos a tudo. Mexe em algumas coisas, levanta a ponta de um dos lençóis. A janela abre com o vento, cortinas voam, ela se assusta e segue em direção à janela, para fechá-la. Billie Holiday começa a cantar: Moonglow*

## **CENA 2**

**Emma** –Agora somos só nós duas, Nova York! E eu acho bom você me tratar muito bem. Eu sou uma mulher traumatizada. Não faça piada dos meus medos. Não julgue pequeno o meu desassossego e nem ridicularize os meus fantasmas. Uma mulher descasada, virada do avesso, nem sempre se reconhece diante do recomeço... Quase sempre é hospedaria quando precisa ser estrada.

*Neste momento, a luz indica **Nathan** no cenário, ele é quase um fantasma para o público, por enquanto. Ele e Emma não se veem. Ela acende um cigarro, pega um exemplar de seu livro antigo e senta em uma poltrona.*

**Nathan** -Casamentos deveriam ser eternos e os amantes deveriam ser ternos enquanto presenciassem ternura.

**Emma** –Peter nunca soube o que era candura. Ele achava que o papel do marido era promover o terror, comprovar sua bravura através de gritos, socos e pontapés. Quantas vezes eu precisei me calar para não tornar os meus dias mais cruéis do que eles já eram?

**Nathan** -Nunca pratiquei crueldades. Não foi por falta de vontade, mas por covardia mesmo. Se o homem fizesse tudo o que pede a sua mente não sobraria homem pra contar história, não deixaríamos nem filhos pra semente.

**Emma** –Nem dos filhos ele gostava. Fazia crianças para cumprir o protocolo. E eu era a moça do cartório, o papel onde ele carimbava documentos.

**Nathan** -Ela, se quiser, que me acuse de tudo. Menos de lhe faltar com o amor.

**Emma** –O amor é uma xícara de café que a mulher toma escondida enquanto o marido não chega. O resto é embromação, é verniz social.

**Nathan** –Eu dei um filho a ela. Para o nosso povo, um filho é o bem mais precioso do casamento

**Emma** – Peter achava que para ser homem bastava fazer filho. Mas filho qualquer bicho faz. Quero ver é fazer feliz a mãe da sua prole. Confesso que por algum tempo eu acreditei que era feliz. Uma felicidade questionável, mas era melhor do que nada. Porque Peter Stone – o senhor pedra de gelo, insensível, traiçoeiro, deselegante e bêbado, me convenceu que assim eram as núpcias: o homem

zurrando talqual um jumento... E a mulher, receptiva, parada, congelada, como se fosse um pinguim de geladeira. Eu acreditei, desinformada de tudo, que recebia em minha alcova um legítimo exemplar da felicidade que penetra, se insere, investiga, jorra alegria após os bruscos movimentos e depois de findada a festa, vira pro lado, dorme, ronca e flatula. Até o odor Peter me fazia acreditar que era normal. “É cheiro de homem”. – ele dizia. “Cheiro de cadáver em decomposição” – pensava em silêncio porque se eu verbalizasse levaria socos e pontapés.

*Nathan, com uma foto nas mãos.*

**Nathan** – Nunca levantei a mão para a minha esposa. Apesar de não falar isso pra ela, porque homem não fala essas coisas, eu a amava. Do meu jeito, mas amava. Era uma boa mulher, uma mãe carinhosa, uma dona-de-casa perfeita, como devem ser todas as judias. Nunca reclamava de nada. Falava baixo, concordava com tudo. E, principalmente, era econômica! Enquanto meus amigos e parentes maldiziam os excessos financeiros das esposas, a minha fazia questão de me devolver o troco.

*Emma, remexendo nas coisas do apartamento.*

**Emma** – Mas eu dei o troco naquele engodo disfarçado de macho-alfa. Um belo dia, antes do jantar, fingi um desmaio. Ele se preocupou, achando que iria ficar viúvo. Mas não era por medo de perder a mulher, pois somos peças de fácil reposição no mercado. A preocupação era com a manutenção da casa: se eu morro, quem faz a comida? Quem cuida das crianças que ele simplesmente abomina? Quem varre a casa? Quem fica em baixo do bichinho afoito durante os três minutos que antecedem a sua ejaculação precoce? Voltei do desmaio, quase fantasmagórica: - “Preciso de ajuda! Não consigo mais dar conta dessa casa. Estou ficando doente”. Peter, sempre carinhoso respondeu: - “Era só o que me faltava. Se saudável você já não me serve para nada, doente será uma tragédia”. Agradei a solidariedade conjugal e coloquei um anúncio no jornal, procurando uma governanta (sempre achei de bom tom ter uma governanta). Foi aí que conheci Ilana e minha vida mudou.

*Nathan manuseia um álbum de casamento.*

**Nathan** – Se dependesse de mim, a vida não mudava nunca. Ficava tudo igual, para sempre, cada coisa em seu lugar, cada pessoa onde tem que estar. É assim que é, é assim que deveria continuar sendo.

### **CENA 3**

*Começamos com Billie cantando STORMY WEATHER, anunciando a tempestade que será Ilana na vida de Emma. O cenário é a antiga casa de Emma e Peter - uma típica casa americana, destas vistas em qualquer filme de época. Ilana usa roupas mais simples e sóbrias, quase sem maquiagem, cabelos presos. Emma também usa um figurino mais sóbrio.*

**Emma** – Pois não?

**Ilana** – Sou Ilana Milsztajn, vim por conta da vaga de governanta.

**Emma** – Seja bem vinda, Ilana. Entre, mas não repare a bagunça. Tenho andado um tanto desleixada desde que Peter, meu marido, arrumou um novo emprego que lhe exige ausências demoradas de nossa casa.

**Ilana** – Imagino como deve ser triste ficar sozinha.

**Emma** – Que nada, é uma alegria. (*Arrependida*) Digo, é uma alegria saber que o provedor desta casa está trabalhando, lutando pelo sustento nosso de cada dia. Peter é um homem incrível, um marido como poucos.

**Ilana** – A senhora tem sorte. Ainda é jovem, bonita e possui um casamento feliz. Se a senhora soubesse o quanto eu já vi de mulheres infelizes nas casas em que trabalhei.

**Emma** – São muitas?

**Ilana** -A senhora tem sorte. Ainda é jovem, bonita e possui um casamento feliz. Nesta cidade as mulheres andam olhando pro chão, sem vida, sem viço, sem vigor, entristecidas por aquilo que descobriram ser uma sobrevida, uma farsa, um respiro involuntário, uma prisão, um mal sem nome, uma insatisfação, uma mística que encarcera a mulher em sua condição feminina, sem condição de ser outra coisa senão a coisa que seus maridos usam e abusam de noite, quando as meretrizes estão de folga, ou acaba o dinheiro da bebida e da orgia venal.

**Emma** – (*Aos prantos*) Chega. Eu não aguento mais ouvir a senhora falando de mim.

**Ilana** – *(irônica)* Mas, senhora, me perdoe, eu julguei que fosse feliz.

*Voltando para o presente.*

**Emma** – Aquela perspicácia me cativou. Contratei-a na hora e nos tornamos grandes amigas, mulheres de reputação ilibada, mas que liam secretamente os livros subversivos do recém-divulgado Movimento Feminista.

**Ilana** – Líamos também alguns romances com histórias bem desinibidas para entendermos melhor tudo o que nossas mães deveriam ter nos contado, mas ocultaram em nome da moral. No final das traquinagens literárias nos vimos tão unidas, tão amigas... A sensação que tínhamos era de termos sido separadas no nascimento...

**Emma** – Lembro-me do dia em que disse a Ilana, toda orgulhosa, que o Peter tinha uma genitália enorme! Ilana, afobadíssima, me perguntou quantas eu já tinha visto. Desconsertada, confessei: somente a do meu marido, graças a Deus! E ela, direta como a flecha de um índio, disparou:

**Ilana** – E como pode ter certeza disso com tão poucos dados empíricos?

**Emma** – Ilana sabia ser uma pessoa desagradável quando queria. Fiquei sem respostas. Mas ela prosseguiu o assunto, partindo pro didatismo.

**Ilana** – Vamos lá, Emma. O que o Sr. Peter lhe oferece está mais para batom ou para cenouras?

**Emma** – Respondi na lata: batom, graças a Deus! Imagina se existe um negócio daquele no tamanho de uma cenoura!

**Ilana** – Tem até maiores, querida.

**Emma** – Naquele momento eu pensei em suicídio. Mas logo depois, recobrei os sentidos e comecei a pensar em adultério. Peter era muito pouco pra mim. Que tola! Passei a vida acreditando que a detentora da anomalia genética era eu. Mas não. Eu sempre fui perfeita. Ele é que não tinha meios de preencher minhas lacunas.

**Ilana** – A cada página Emma ficava mais doida, mais segura, mais viciada em luxúria, mais convencida de que o Sr. Peter era nada perto do que ELA poderia ser.

**Emma** –Eu nunca pude falar abertamente sobre sexo. Eu só escrevia sobre o assunto, mas nem relia, por vergonha de mim mesma. Escrever as minhas dúvidas, as fantasia sexuais que eu colecionava em sigilo era uma espécie de masturbação mental. Algum prazer a mulher casada precisa ter, não é mesmo? E o meu prazer começa pelas mãos. Com a caneta em punho eu sou mais forte, mais sensual, mais feliz. Ali, sentada diante da folha em branco, eu sou, indiscutivelmente, a única dona da minha história.



**Ilana** – Mas ainda assim, com toda essa experiência erótico-literária, Emma era um poço de dúvidas.

**Emma** – E Ilana era um compêndio de informações. Fui apimentando a minha escrita, fui erotizando as minhas heroínas. Para ser franca, tinha muito de mim em cada uma delas. Eu também era erótica. Erótica e vingativa. No papel eu arquitetava os planos mais cruéis para me livrar do Peter. Planejava envenenar sua comida, estrangulá-lo enquanto ele dormia. Eu era uma assassina perigosíssima. Munida de caderno e caneta seria capaz de decretar a Terceira Guerra Mundial.

**Ilana** – Eu sempre desconfiei desse potencial bélico de Emma. De tanto vê-la escrever durante todas as tardes, fiquei curiosa. Pensei: essa mulher tem um plano para conquistar o mundo. Não esperei para tomar conhecimento desses segredos junto com a população mundial. Resolvi me adiantar e roubei os cadernos dela. Eram tantos que ela nem sentia falta. Lia toda noite em meu quarto, sob a luz da vela, para ninguém perceber que estava acordada. E ali, diante de Emma despida, sem máscaras, sem medo de ser como realmente era, eu me encontrei. Havia muito de mim nela. Havia muito dela em mim.

**Emma** -Ilana sempre me incentivou. Desde que eu descobri que ela lia os meus cadernos passei a mostrar, voluntariamente, tudo aquilo que eu escrevia. Ela sorria, chorava. E eu me emocionava com ela.

*De volta ao passado.*

**Emma** – Ilana, você é feliz?

**Ilana** – Eu sou adaptada.

*Tempo presente*

**Emma** – Ilana adorava uma metáfora. E eu adorava a Ilana. Um dia, enquanto Peter viajava, bebemos um pouco de vinho. Lembro que estávamos discutindo o livro da Betty Friedan...

**Ilana** - A mística feminina.

**Emma** - E, quando vimos, estávamos nuas, comparando os nossos corpos. Ilana era bonita, apesar dos cinquenta anos já idos. Eu, com 38, parecia só um pouco mais nova do que ela.

*Nathan com uma taça de vinho, seu fiel companheiro.*

**Nathan** –Eu acho que já nasci velho. Quando criança, em meio aos meus irmãos, eu me sentia um estranho, um estrangeiro no ceio de uma família de judeus ortodoxos. Eu era o diferente onde todos me queriam igual.

*Ilana e Emma, seios à mostra.*

**Ilana** – Não tenha vergonha dessas marcas, Emma. Elas também são você.

**Emma** – Não são não. Elas são as sobras do Peter em mim. É a parte podre do casamento, é a prova de que toda história de amor é perecível. Ou você conserva a dignidade de maneira adequada ou entra em decomposição. Isso aqui é carne estragada, é comida apodrecida. Essas manchas, esses hematomas, os arranhões e as rugas de preocupação, o calafrio, os cabelos brancos e o medo de apanhar uma vez mais... Tudo isso é o avesso do que eu queria ser.

*Nathan, em seu plano onírico, nu diante do espelho.*

**Nathan** – E o que é um homem? Uma cara marcada, mão calejada, pênis ereto, barba cerrada, cabelo em retirada, barriga que cresce, membro que amolece, alegria que se disfarça, medo que não se assume, ferida que não cicatriza... Um homem é ventania mesmo quando se deseja brisa, é agressão ainda que prefira carinho. Um filhote abandonado no ninho à espera da mãe que partiu para nunca mais voltar...

**Emma** – Eu sinto que aquela Emma partiu para nunca mais voltar. Essa daqui é a sobra.

**Ilana** – Ou a promessa de quem ainda poderá se tornar.

**Emma** – Perdi as ilusões, Ilana. Com tanta mocinha queimando sutiã por ai, os homens não vão querer os meus peitinhos chamuscados pelo fogo cruzado de uma guerra matrimonial.

*Nathan, investigando o prazer em si mesmo.*

**Nathan** – Eu seria capaz de promover uma guerra com as minhas mãos, uma verdadeira chacina de filhos não nascidos, abandonados na banheira, afogados pela água que escorre pelo ralo. Se as minhas mãos pudessem ser minhas e somente minhas, e eu ser delas e somente delas, seria mais feliz, mais possível, menos passível aos dissabores do sentir em demasia. Quanta agonia seria poupada se a minha alma apalpada fosse apenas prazer e nunca pecado.

**Ilana** – Seus seios são lindos. *(Tocando-a)* E macios.

**Emma** – Ilana, você está me tocando?

**Ilana** – Você não gosta?

**Emma** – Eu acho estranho. Duas mulheres...

**Ilana** – *(interrompe)* Se descobrindo, se investigando, se achando...

**Emma** – Eu penso que estamos mais para nos perder do que para nos achar, Ilana.

**Ilana** – É que, às vezes, para se encontrar algo é preciso perder antes o que nos atrapalha a visão.

*A relação entre elas não é sexual. É carinho, é afeto, é brincadeira de adolescentes tardias.*

**Nathan** – Então corta as minhas mãos, pai, cega os meus olhos. Se eu não posso tocar no que é meu, se eu não posso me ver como eu sou... Que homem serei eu, sem saber de mim?

#### **CENA 4**

*Emma, já se sentindo em casa, livrando-se de parte da roupa. Ouvimos Billie, cantando ALL OF YOU*

**Emma** - Antes de conhecer Ilana eu era uma mulher sem graça, apagada, discretíssima. Não falava alto, não fumava, não bebia, ou seja, não sabia o que era viver. Cuidava da casa e dos filhos, servia ao Peter, mesmo achando que ele não me servia para nada. Eu era resignada. Mas aqui, por dentro, eu sentia que morava em mim uma espécie de assassina em potencial. Já desferi, no plano da fantasia, uns trinta tiros naquela cara barbuda do meu marido. Uma barba suja, vermelha, que escondia a pele envelhecida de um rosto que sempre esteve longe de ser bonito. Mas eu, na grandeza da minha fé, tinha esperança de que ele melhorasse... Depois que morresse, é claro. Porque marido bom é marido morto. Quantas noites

eu sonhei com a viuvez! Acordava e dava de cara com o Peter desfalecido ao meu lado. Para não parecer muito feliz, eu simulava um choro, vestia um lindo vestido preto e ia pra rua, dar a notícia do sepultamento. Tristíssima por fora, mas tendo orgasmos múltiplos por dentro.

**Nathan** – O que seria da minha esposa sem mim, sem a minha força, sem a minha sabedoria indicando-lhe o caminho? Eu posso não ter sido o melhor dos amantes – e acho que nem é isso o que importa para uma mulher – mas fui o marido possível, acima da média, generoso, solidário, um verdadeiro pai para ela.

*Ela busca uma taça de vinho*

**Emma** – Minha expectativa pela vida de viúva aumentou bastante quando fomos ao velório de um parente do Peter. Todos comentavam a frieza da esposa do defunto, pois ela recebia os convidados como quem organiza um baile de debutante. Na hora do enterro, enquanto a sogra chorava pelo filho morto, a viúva teve uma crise de riso, algo contagiante. Eu mesma precisei me segurar para não cair na gargalhada e me urinar toda. Ela, coitada, de tão eufórica quase foi junto pra cova. Deveria ser a primeira vez que sorria na vida. Desacostumada com a alegria, não conseguia se

equilibrar. Era um riso que a tirava do prumo. A família logo chamou um médico que a diagnosticou com histeria. O padre falou em possessão demoníaca. Eu, identificada com a viúva alegre, sabia que era alívio o que ela sentia. Finalmente livrara-se do fardo. Éramos cúmplices em nossos planos de alforria.

**Nathan** – Com o casamento a mulher se liberta da tirania do pai e o marido se encarcera, desistindo para sempre da liberdade.

**Emma** – “Como seria o enterro do Peter?” – eu indagava. As crianças correriam soltas pelo cemitério, felizes, cantando canções de natal; os amigos beberiam e delatariam seus casos extraconjugais e, muito interessados em mim, me possuiriam com os olhos, me fariam elogios. Eu, em um lindo vestido preto, com fendas laterais, mostraria as pernas lisas e grossas que sobreviveram aos maus-tratos do último dono. Para mata-lo pela segunda vez, compraria meu primeiro par de óculos, com o dinheiro dele, claro, e esconderia, por um tempo, o brilho dos meus olhos finalmente alegres e libertos. Quando o caixão estivesse pronto para deitar-se sobre a cova rasa, eu abriria minhas pernas e urinaria na cara dele, para alimentá-lo com os resíduos do meu organismo profundamente alterado pelos anos e anos de um casamento cheio de contraindicações. Ao ver a cena, minha sogra morreria, meu sogro entraria em coma e eu herdaria todos os bens da família. Seria rica, independente e despudorada!

**Nathan** – Se eu não tivesse tantos pudores, se eu pudesse ser aquele que eu vejo quando fechos os olhos...

**Emma** – Ai eu acordo e lembro que finais felizes não existem, que o Peter tem uma saúde de ferro, que meus sogros são quase pobres e que assassinato ainda não faz parte do meu repertório.

*Nathan, colocando um disco na vitrola. Billie canta SUMMERTIME*

**Nathan** – O meu repertório é triste. Mas é bonito. É Billie Holiday.

*Emma, achando uns discos e, em seguida, um espelho.*

**Emma** – Billie Holiday! Uma voz triste, mas bela... Que ironia a dessa vida. Quando eu era bela eu era triste. Agora que sou feliz, estou ficando velha. Não se pode mesmo ter tudo nessa vida. Mas, felizmente, existem a penumbra, os cremes faciais e o álcool, que bem dosado deixa a visão de qualquer homem menos exigente. É por isso que eu bebo: para ficar mais bonita.

**Nathan** – A mulher tem que ser bonita por dentro. Por fora é opcional. Por isso, eu nunca quis ter uma esposa bonita.

**Emma** – *(diante do espelho)* Quantos anos você me dá, espelho? 50? 60? Errou, querido. Tenho 40. Farei 41 no próximo dezembro, junto com Jesus Cristo que, assim como eu, foi crucificado. A diferença é que ele ressuscitou no terceiro dia e eu levei 25 anos para ter a minha vida de volta. Aliás, falando em Jesus, esse ano vou fazer um pedido de Natal: quero a minha juventude de volta. Quero meu viço, minha pele esticada e lisa como um veludo virgem e quero mais: quero que todas as



minhas rugas se transfiram para o membro desvantajado do Peter. Quero que ele fique com o pinto e o saco bem enrugadinhos. Enquanto isso, enquanto ele se afunda na mais profunda decadência humana, eu serei como essas árvores do Central Park – velhas, porém eretas e bonitas, frondosas, servindo de sombra e refúgio aos jovens amantes que se escondem pelo parque. Eu sempre me escondi de mim mesma, porque se eu me visse como eu era, enlouqueceria.

**Nathan** – Eu sempre me escondi de mim mesmo, porque se eu me visse como eu era, enlouqueceria.

*Emma pega a capa do disco da Billie Holliday, e faz uma observação:*

**Emma** – “O som da solidão”... “A nossa música”. De quem será essa caligrafia? Tão forte e, ao mesmo tempo, tão feminina...

*Enquanto Billie canta, ela explora o cenário do apartamento e descobre um baú. Abre-o. Encontra cartas, um diário e uma arma.*

**Emma** – Ai, meu Deus! Eu sabia que alguém tinha morrido dentro dessa casa. E ainda deve ter deixado esses papéis com a confissão. Assassinato, suicídio? Não importa. As duas opções me enchem de medo... Parece um diário... e cartas... numeradas como capítulos de um livro... será essa a inspiração que faltava para eu escrever o meu novo romance?

*Emma arruma as cartas em sequência. Apanha cigarros, bebida, óculos de leitura..*

*Ilana em outro plano do cenário, observa atentamente as ações de Emma..*

**Ilana** – Muito bem, Emma. Tudo está saindo como deveria. Já que o destino é inevitável, vamos a ele. Cartas na mesa e seja o que Deus quiser.

## **CENA 5**

*Billie nos brinda o início desta segunda trama com IT'S NOT FOR ME TO SAY.*

**Emma-** “Nem sempre as histórias de amor começam com ‘era uma vez’” ...

1950

*Mudança de cenário. Os lençóis sobem e o público conhece o ateliê de Nathan Roth. Telas de nu feminino, mulheres corpulentas. Nada é vulgar.*

*Batidas na porta. Nathan está pintando. A partir de agora o cenário é dele. Emma será apenas expectadora (se ela conseguir, claro).*

**Nathan** – *(Abrindo a porta)* Quem é você?

**Ângelo** – Depende muito do dia e da hora. Sabe como é, né? A gente vai mudando conforme a necessidade.

**Nathan** – Oi?

**Ângelo** – *(Estendendo a mão)* Oi, tudo bem? Eu sou o Ângelo Bellini, vim pelo trabalho de modelo vivo. Falamos mais cedo ao telefone.

**Nathan** – Ah, sim, claro, pode entrar. Sou Nathan Roth. Fique a vontade.

**Ângelo** – *(Fazendo menção de tirar a roupa)* Assim, tão rápido? Eu achei que fôssemos demorar mais um pouco até esse momento, mas tudo bem. Vou me despir.

**Nathan** – Não, por favor, você não entendeu. Calma. Primeiro você senta, vamos conversar.

**Ângelo** – Perdão, eu só queria descontrair um pouco. Já que vamos passar esses dias juntos achei que seria oportuno criarmos certa intimidade.

**Nathan** – Tudo bem. Na sua idade é compreensível a informalidade e o senso de humor. E ainda por cima sendo, quero dizer... Fazendo isso que você faz...

**Ângelo** – Isso que eu faço tem nome. Eu sou ator. Mas como ser ator não paga o meu aluguel eu acabo sendo outras coisas, dentre elas, modelo vivo.

**Nathan** – Exatamente isso que eu quis dizer.

**Ângelo** – Mas não foi o que você disse. As palavras podem ter um peso muito maior do que um soco, um tapa. Mas você não deve ser muito bom com as palavras. (*Insinuante*) Deve se sentir mais atraído por um pincel. Você é pintor, né?

**Nathan** – Isso, eu pinto quadros. Retrato pessoas, quer dizer, mulheres...

**Ângelo** – (*Interrompendo*) Nuas. Seus amigos me contaram tudo.

**Nathan** – Tudo o que?

**Ângelo** – Que você pinta mulheres nuas, que é famoso, rico, judeu, casado, pai de família, circuncisado.

**Nathan** – Oi?

**Ângelo** – Quer recomeçar? (*Rindo*) Não se preocupe, eles não foram tão indiscretos. A circuncisão eu supus, sendo você um judeu. Aliás, eu posso lhe chamar de você?

**Nathan** – Claro. Apesar de ter passado dos cinquenta...

**Ângelo** – (*Interrompendo novamente*) Passado muito bem pelos cinquenta... Você transpira juventude.

**Nathan** – (*constrangido*) Gentileza sua, rapaz.

**Ângelo** – (*Assertivo*) Sinceridade, apenas. Eu sei reconhecer quando estou diante de um homem bonito.

**Nathan** – (*Confuso*) Você me achou bonito?

**Ângelo** – (*Galante*) Bonito e atraente.

**Nathan** – (*Esquivando-se*) Então, eu trabalho com isso, com pinturas, com quadros... Sempre corpos de mulheres nuas, mas cuidando de não mostrar o rosto de nenhuma delas, para assegurar-lhes a reputação. Dessa forma, captando a essência do corpo feminino, eu fui construindo o meu nome. E também tive sorte. Encontrei as pessoas certas, cai nas graças dos estetas desse país.

**Ângelo** – E por que decidiu agora pintar um corpo masculino?

**Nathan** – Por aposta. Quer dizer, um desafio, na verdade. Dois amigos de longa data conheceram uma viúva excêntrica, muito rica e, por alguma razão, ela gostaria de ter na casa dela um quadro que retratasse o nu masculino. A princípio eles pensaram em mim, mas depois se lembraram do meu fascínio por corpos femininos e desistiram da ideia.

**Ângelo** – Mas você não desistiu. Por quê? *(Provocante)* Pretende descobrir outros fascínios?

**Nathan** – *(Sem graça)* Eu me senti desafiado. Eu topei a empreitada para mostrar pra eles que eu sou capaz de pintar qualquer coisa, até aquelas que não me atraem diretamente...

*Nathan vai procurando seus pincéis e tintas. Enquanto isso, Ângelo se despe sem que Nathan perceba. Quando retorna, fica paralisado diante da nudez do garoto.*

**Ângelo** – O que foi? O meu corpo não é atraente?

*Silêncio. Luz diminui. Nathan observa, cauteloso, o corpo de Ângelo. Posiciona-se para começar o desenho. Emma assiste a tudo, inconformada.*

**Emma**- Eu gosto da ousadia deste rapaz!Tivesse eu coragem de arrancar a roupa, assim, na frente de qualquer pessoa... Acho que preciso tomar um café para encarar o resto dessa história.

*Ela pega um dos diários e sai. Emma esta sentada à mesa, em um café de Nova York. Durante a próxima cena, Ilana espreita Emma no café. Cruza o palco sem ser notada pela amiga.*

**CENA 6**

*Nathan e Ângelo bebem algo no atelier. Estão alegres, meio bêbados, mas já entrosados. Billie canta para eles I GET A KICK OUT OF YOU Há cerca de um mês trabalham na tela da viúva excêntrica.*

**Ângelo** – Se você continuar me servindo absinto a cada vez que eu vier posar, eu juro: paro de cobrar a minha diária e te prometo amizade até a morte!

**Nathan** – Não fale de morte, perto de um velho de cinquenta anos, que não tem a menor vontade de morrer. Não agora.

**Ângelo** – E por que não?

**Nathan** – Porque agora, pela primeira vez na vida, eu estou feliz. Eu nunca pensei em dizer isso. A felicidade, pra mim, sempre foi uma ilusão, uma pintura, uma partitura difícilíssima, inalcançável pela razão humana.

**Ângelo** – Você pensa demais, Nathan. Pensar é uma forma de não ser feliz.

**Nathan** – E o que você sabe sobre isso? Por acaso você é feliz?

**Ângelo** – Do meu jeito, sim. Porque a felicidade não tem fórmula. O que faz uma pessoa feliz pode ser uma tristeza pro outro.



**Nathan** – “Não há nada melhor para uma alma do que tornar menos triste outra alma”. Essa frase perturba a minha cabeça. É de um poeta francês chamado...

**Ângelo** – *(interrompendo, para surpresa de Nathan)* Paul Verlaine. Eu li alguma coisa sobre ele e me identifiquei. Um poeta maldito.

**Nathan** – Não sabia que você gostava de poesia, ainda mais desse tipo – Simbolista.

**Ângelo** – Eu gosto de tudo que me toca a alma. E o Verlaine escreve sobre temas que me fascinam: desejo, paixão, decadência urbana, prostituição...

**Nathan** – O submundo... Você é muito denso pra sua pouca idade, rapaz.

**Ângelo** – Verlaine também começou cedo, sabia?

**Nathan** – Sabia. Ele era intenso, na poesia e na vida. Foi muito apaixonado por sua mulher, Mathilde...

**Ângelo** – Mas a trocou por outro homem...

**Nathan** – Rimbaud.

**Ângelo** – Você acha possível o amor entre dois homens?

**Nathan** – Claro que não. A não ser que seja entre pai e filho, por exemplo.

**Ângelo** – Não é desse amor que estou falando. Um amor, assim, como o de Verlaine e Rimbaud...

**Nathan** – Verlaine deu dois tiros em Rimbaud. Esse dado responde a sua pergunta? Uma relação assim nasce fadada a terminar em tragédia.

**Ângelo** – Um tiro de amor. Uma loucura sem maiores consequências. A paixão tem disso: bagunça o nosso inconsciente, nos coloca diante do perigo em potencial que nos habita. Não há motivos para temer. Posso escolher uma musica da Billie que me toca profundamente ?

*Colocando um disco na vitrola.* Billie traduz o desejo de Ângelo com JUST ONE OF THOSE THINGS

**Ângelo** – Dança comigo ?

**Nathan** –Você é livre demais para o meu entendimento.

**Ângelo** – Pudera eu ser livre como Verlaine e Rimbaud! Eu voo sem asas, por isso eu caio sempre. Mas, como sou teimoso, ensaio novas tentativas de ganhar o céu.

**Nathan** – Você fala de um jeito que parece achar que eles foram felizes. Mas nenhum dos dois foi feliz porque é impossível para o homem ser feliz à custa da infelicidade das outras pessoas. E a mulher dele? E o filho dele? A vergonha da família vendo um homem sair de casa pra ir viver uma aventura sexual com outro da mesma espécie...

**Ângelo** – Você é muito careta pra um pintor.

**Nathan** – Eu bebi demais, não sei o que estou dizendo...

**Ângelo** – Absinto nunca é demais, meu caro. Por mais que bebamos, sempre restará um último gole a se beber.

**Nathan** – Você quer me ver bêbado? Só para eu não ter condições de acabar esse quadro hoje e te pagar mais uma diária, né?

**Ângelo** – Se você não fosse tão perfeccionista esse quadro já estava pronto há pelo menos um mês.

**Nathan** – Você já está cansado de vir aqui toda tarde?

**Ângelo** – Não. Não estou reclamando. A sua companhia é boa. Viria mesmo se não tivesse um trabalho pra fazer. Sabe, Nathan, você é um homem bom. Eu me sinto até um pouco envergonhado pelo começo da nossa história, porque eu fui, de certa

forma, agressivo com você. Insinuei coisas, te deixei constrangido... Mas é assim que eu encaro o mundo, que eu enfrento as pessoas.

**Nathan** – Você não precisa me enfrentar, garoto. Eu não sou seu oponente.

**Ângelo** – Não me chama de garoto. Acho que você me desqualifica quando se refere a minha idade. E, quer saber? Talvez você seja o meu maior oponente até agora. Eu não sei, mas quando te conheci achei que você fosse um desses velhos tarados interessados num pretexto para despir um rapaz, vulnerável ao poder do dinheiro, como eu. Mas depois, conforme os dias foram passando, eu entendi que você é um artista. E um artista não precisa de pretextos. Ele é o pretexto para que a obra aconteça... É mais ou menos isso...

**Nathan** - Ociosa juventude

De tudo pervertida

Por minha virtude

Eu perdi a vida.

**Ângelo** – Você também é poeta?

**Nathan** – Não, isso é Rimbaud.

**Ângelo** – Você é Rimbaud?

**Nathan** – Você é Verlaine?

*Eles se aproximam gradativamente enquanto falam. Preparam-se, secretamente, para um beijo.*

**Ângelo** – Só há um jeito de a gente descobrir...

**Nathan** – E se a gente descobrir que sim?

**Ângelo** – E se a gente descobrir que não?

**Nathan** – E se não houver descobertas?

**Ângelo** – E se não houver segredos a serem descobertos?

**Nathan** – E se a gente não gostar?

**Ângelo** – E se a gente gostar muito?

**Nathan** – E se tudo acabar?

**Ângelo** – E se for um recomeço?

**Nathan** – E se for pela bebida?

**Ângelo** – E se for de coração?

**Nathan** – Eu tenho medo.

**Ângelo** – Você tem a mim.

**Nathan** – Eu já não me tenho.

**Ângelo** – Porque você é meu.

*Eles se beijam enquanto Emma ainda lê o caderno de Ângelo. Música sobe.*

**Emma** –“Os beijos são como pepitas de ouro e de prata encontradas na terra sem ter qualquer valor em si e que são preciosas por indicar que há uma mina por perto”.*(Tendo uma ideia)* Uma mina escondida... Uma história de amor nada convencional, capaz de causar rubores e excitação. Amor, preconceito, coragem, medo, covardia, atração... Acho que encontrei os protagonistas do meu novo livro!*(Para o garçom)* Garçom, por favor, a conta?

*Ela sobe ao apartamento. Vai para a máquina de escrever e começa a datilografar... Silêncio. O disco ainda toca na vitrola. Nathan bebe mais um pouco. Emma também bebe. E fuma. E bebe um café. O ritual é encerrado com uma gargalhada de Emma, que volta ao diário de Nathan.*

*Nathan empurra Ângelo*

**Nathan** – *(Atônito)* Desculpa, acho que foi o absinto... É a primeira vez que eu beijo um homem...

**Ângelo** – Então, agora vai ser a segunda.

*Eles voltam a se beijar, desta vez, mais intenso, começam a tirar parte das roupas.*

*Nathan empurra Ângelo mais forte.*

**Nathan** – Vai embora daqui, sai de mim, larga o meu sossego, devolve o meu beijo, a minha alma; deixa em paz as linhas do meu destino desenhadas na palma das minhas mãos. Eu não posso fazer isso, eu não quero correr esse risco, enfrentar a tentação, cair no precipício, no abismo pra onde o seu cheiro me leva.

**Ângelo** – Tem certeza que me quer longe daqui?

**Nathan** – Eu te quero... Longe daqui.

**Emma** – *(Lendo o diário)* “Ir embora depois de um beijo é a melhor maneira de não partir”.

*Ângelo vai embora. Nathan se desespera. Rasga a tela que estava pintando. Billie solidária a dor de Nathan canta: I'M A FOOL TO WANT YOU*

## **CENA 7**

*As duas estão na cozinha, tomando café.*

**Emma** – O Peter não gosta de me beijar. Posso contar nos dedos de uma mão os beijos que ele me deu ao longo desses vinte e poucos anos de casamento. Esse foi um dos meus maiores tormentos: me acostumar com o fato de que o meu marido não era romântico. Ele chegou a dizer que o beijo na boca é anti-higiênico. Mas eu insistia, fazia chantagem: “só vamos nos relacionar se eu ao ganhar um beijinho”. E ele cedia, contrariado. Mas um dia, deu-se o desfecho inusitado: fui condenada a jamais beijá-lo novamente. E sabe por quê? Porque antes dele chegar a casa eu havia tomado uma inocente xícara de café.

**Ilana** – Eu não consigo entender esse escândalo que ele faz toda vez que sente cheiro de café, em casa ou na vizinhança.

**Emma** – Eu também nunca entendi. Nem mórmon ele é. Mas, para não criar caso, me acostumei a tomar café clandestinamente. Ficou sendo uma espécie de transgressão de gênero, uma infidelidade conjugal sem maiores conseqüências. Na primeira vez que o Peter foi à casa dos meus pais a empregada lhe ofereceu café. Ele jogou a bandeja pra cima e, por pouco, quase não joga a empregada também.



**Ilana** – E seu pai? Não fez nada para impedir esse despautério?

**Emma** – Não. Papai me puxou pelo braço e disse: -“ A partir de hoje você está proibida de tomar café. Se o seu futuro marido não gosta, você também não pode gostar”.

**Ilana** – Isso é tão absurdo, Emma.

**Emma** – Isso era pressa, Ilana. Pressa de me casar a qualquer custo.

**Ilana** – Bem se vê que tinham pressa. Se esperassem mais um pouco poderiam encontrar um marido melhor.

**Emma** – Papai sabia que eu não era a moça mais prendada da cidade, e que dentro de mim, morava um demônio da transgressão, que iria criar asas e me libertar, tão logo começasse a trabalhar e me sustentar. Tinha medo de não conseguir me passar adiante. Daí, um tio de mamãe, certa vez, no jantar, comentou que o filho do melhor amigo dele estava procurando uma esposa. E o dito cujo tinha posses, era dono de um comércio. Ou seja, tratava-se de um plano perfeito: papai se livraria de mim e dos problemas que eu poderia causar e ainda por cima ganhava um genro de posses, o que seria muito útil para a sua velhice. O que titio não nos contou era que esse comércio não andava tão bem das pernas. Mas papai, adepto do “vamos nos livrar de Emma” viu naquele casamento uma solução. Tanto que nem lhe impressionou a reação intempestiva de Peter no episódio do café. Se fosse preciso

papai cortaria as mãos da empregada para que ela nunca mais ousasse preparar um café para as visitas.

**Ilana** – *(Solidária)* O seu bom humor é admirável, Emma. Quem te vê assim, narrando com leveza as pequenas violências sofridas por uma mulher, há de pensar que você nem é real. Você parece um desses personagens de romance.

**Emma** – Tudo fingimento, Ilana. É verniz social, é dissimulação. É por isso que eu escrevo: para treinar as mentiras. Passo as tardes escrevendo, são cadernos e mais cadernos. Às vezes me pego pensando: se eu continuar a escrever com essa intensidade, acabo reeditando a Bíblia. Só que o meu texto não serve para salvar os homens. A salvação é minha. Eu preciso colocar no papel a minha história para não me perder de mim mesma. Porque tem dias que eu acordo e não me encontro. Esse casamento me consome tanto que chego a ficar com fome de Emma. Só me satisfaço quando escrevo. Eu só sei quem eu sou porque eu escrevo. Mas as pessoas me veem de outra forma. A Emma que eu vejo quando tranco a porta do meu quarto é bem diferente. É louca, é sedenta por sexo, é hemorrágica, é febril, é vingativa, é insana, é Ilana... *(Risos)* E é até um pouco cruel.

**Ilana** – O que você aprontou, Emma? Eu já lhe conheço há dois anos, sei bem quando esse olhar esconde alguma travessura.

**Emma** – Bom, já que você faz questão de saber, eu vou lhe contar. Mas antes, quero deixar registrado que tudo o que eu fiz foi por inspiração sua. Se alguém há

de ser condenada nessa história, que seja você, mãe e senhora de todos os meus pecados, compreendeu?

**Ilana** – *(Sonsa)* Do que você está falando? Eu sou uma pobre senhora indefesa, casta, de bons modos, já um pouco debilitada pela idade.

**Emma** – *(Interrompendo)* Ontem eu tive três orgasmos!

**Ilana** – *(Engasgando com o café)* Com o Sr. Peter?

**Emma** – Bebeu, Ilana? Desde quando o Peter é capaz de me proporcionar um orgasmo?

**Ilana** – Você tem um amante? Um rapaz jovem, de vinte anos, másculo, bonito, de porte atlético, peitos peludos, que todas as noites entra escondido nessa casa pela janela do seu quarto e...

**Emma** – Isso é uma pergunta ou uma fantasia sua, Ilana? A riqueza de detalhes é tão grande que chego a ficar alvoroçada.

**Ilana** – Desculpe, acho que me empolguei. Depois de certa idade a imaginação nos coloca em situações realmente embaraçosas. Mas não mude de assunto, Emma. Quem é o seu amante?

**Emma** – Não chega a ser um amante. O que eu tenho é um bom amigo, para ser mais exata.

**Ilana** – Um amigo? O entregador de leite? O carteiro? O policial que faz a ronda? Não! (*Muito assustada*) Não me diga que é o reverendo!!!!

*Emma ri como uma criança a cada hipótese aventada pela amiga.*

**Emma** – Ilana, você é uma depravada! Eu tenho, digamos, um amiguinho que só chegou a essa casa porque você mesma o trouxe.

**Ilana** –Você é louca! Eu não trouxe ninguém aqui!

*Emma mostra um pepino.*

**Emma** – Ilana, pepino. Pepino, Ilana. Mas pode chama-lo de “Pedacinho do Céu”.

**Ilana** – Eu não acredito!

**Emma** – Acredita sim, Ilana. Foi você que começou a colocar essas ideias na minha cabeça. Lembra aquele dia em que conversamos sobre a anatomia masculina e você perguntou se o Peter estava mais para batom do que para cenoura?

**Ilana** – Lembro. Eu fiquei assustadíssima quando você apontou o batom como referência.

**Emma** – Pois é. Resolvi continuar a investigação no campo da agricultura... Pensei: se uma cenoura é possível por que não um pepino?

**Ilana** – E como se deu, assim, a aproximação?

**Emma** – Como começa uma história de amor, Ilana? Eu estava me sentindo sozinha, fazia muito calor de madrugada. Fui até a cozinha beber um copo de água e ele estava ali, parado, como que me esperando. Eu relutei um pouco ao flerte inicial, fingi que não estava entendendo a sua investida. Mas daí, como a carne é fraca, a fome devasta, a sede aniquila, eu acabei cedendo e o levei para o quarto. Chegando lá ele disse baixinho pra mim: - “Faça como quiser”. Eu me senti poderosa pela primeira vez na vida. Beijei, acariciei, mordi, fiquei assim, bem abraçadinha com ele, fizemos juras de amor. Quando me dei conta éramos uma só pessoa, estávamos despidos de qualquer pudor, ele dentro de mim, eu cada vez mais fora de mim, fora de órbita, fora de controle, fora do mundo, num universo paralelo onde a minha vida, finalmente, fazia algum sentido. E o melhor disso tudo, Ilana, era saber que o idiota do Peter estava ali do meu lado, roncando, dormindo

um sono tão profundo que nem sequer ouviu os meus gemidos. E olha que eu gemi em todos os tons de uma escala musical!

**Ilana** – *(Assustadíssima)* E depois?

**Emma** – Depois eu dormi como um anjo. Acordei essa manhã ouvindo rouxinóis. Olhei para o lado e quem estava lá? O Peter, ainda roncando, sem nem desconfiar que fora traído. E do outro lado quem estava? O Pepino, me encarando como quem diz: - Foi bom para você? Não respondi nada. Fui rápida. Escondi o dito cujo na minha roupa, desci bem devagar, para não fazer barulho, fui até a cozinha, peguei um facão e disse: - “Foi bom o que rolou entre nós, mas não posso deixar pistas. Um crime perfeito não pode ter testemunhas”. Ele ficou verde de preocupação. Mas, num golpe certeiro, comecei a fatiá-lo, esquartejei seu corpo em rodela e fiz um belo e saboroso suco.

**Ilana** – Você bebeu?

**Emma** – Não. Dei pro Peter no café da manhã.

*As duas riem.*

**Ilana** – Eu criei um monstro!

*Mais gargalhadas.*

**Emma** – Você tirou a minha máscara, Ilana. E eu sou grata por isso. Desde a sua chegada eu criei coragem para ser, na medida do possível, um pouco mais próxima da imagem que eu faço da verdadeira Emma. Meu romance com o pepino foi só mais uma travessura... E eu já praticava algumas pequenas maldades com o Peter antes da sua chegada. Por que você acha que eu nunca tomo sopa com ele no jantar? Por que estou de dieta? Por que não gosto de caldos quentes? Por que ele faz um barulho irritante sugando a sopa na colher?

**Ilana** – Um pouco de cada coisa?

**Emma** – Nada disso. Nenhuma das alternativas anteriores. É porque o meu estômago nunca se deu muito bem com urina de esposa vingativa.

**Ilana** – Emma, eu quero morrer sua amiga.

*As duas gargalham. Prosseguem a conversa, diminuindo o som para dar lugar ao diálogo de Nathan e Ângelo.*

## **CENA 8**

*Billie Holiday canta LOVE ME OR LEAVE ME, para trazer Ângelo de volta ao ateliê.*

**Nathan** –O que você veio fazer aqui?

**Ângelo** – Temos um trabalho a realizar. Eu costumo terminar tudo aquilo que eu começo.

**Nathan** – Mas eu te peço: esqueça tudo o que aconteceu. Pelo amor de Deus, não me obrigue a pensar no que eu não quero.

**Ângelo** – Pra ser sincero, eu já esqueci.

**Nathan** – Esqueceu? Assim, tão rápido?

**Ângelo** – Amnesia alcoólica. Mas se você tiver outra garrafa de absinto por ai, sou capaz de lembrar.

*Eles riem.*

**Nathan** -Como você se descobriu assim?



**Ângelo** -Assim como?

**Nathan** -Doente. Homossexual.

**Ângelo** - Tenho cara de quem passa mal? Pareço pouco saudável?

**Nathan** -Olhando pra você na rua, sem te conhecer como eu conheço, diria que você é normal.

**Ângelo** -. Eu sou normal.

**Nathan** -Você é uma...

**Ângelo** - Uma ameaça pro seu conceito de masculinidade?

**Nathan** -Não adianta jogar com as palavras. Você não vai me convencer...

**Ângelo** - De que somos iguais? Nós somos feitos da mesma matéria. O sangue que corre nas minhas veias é da mesma cor do seu. Esse sangue que enrijece o seu membro faz o mesmo com o meu. Nosso desejo tem o mesmo ponto de partida.

**Nathan** -Mas eu me recuso a chegar onde você se encontra.

**Ângelo** - O meu lugar é uma afronta pra você? Daí de cima, do seu pedestal, você me vê? Ou me ignora da mesma forma que não escuta os apelos do seu corpo, da sua pele, dos seus afetos?

**Nathan** -Você me julga prisioneiro onde eu mais me declaro liberto.

**Ângelo** - Liberdade da boca pra fora. Quando a luz se apaga, quando sua mulher e seu filho dormem, você sonha com o homem que te habita, mas aceita essa farsa esquisita de ser metade quando se pode ser inteiro.

**Nathan** -Você nunca teve medo? Nunca pensou que as pessoas poderiam te querer mal por você ser assim, tão transparente?

**Ângelo** - Eu não tive opção. Eu não tomei a decisão de comprar essa briga. Se eu pudesse ser como você, sem carregar as feridas que você carrega, eu também teria uma família. Mulher, filhos, uma casa de campo, amigos pra encher a cara... Mas eu não pude chegar a sua idade com as facilidades de quem se olha no espelho e tem a incrível capacidade de não perceber o que é clarividente.

**Nathan** -Não pense que eu não me enxergo. Eu não nego que sou diferente, que sou um homem não muito convencional. Mas eu sempre contive a vontade desviante, nunca cedi aos apelos que insistiam em me fazer pecar.

**Ângelo** - O seu pecado é o melhor que existe em mim.

**Nathan** - O seu melhor é a sujeira que emporcalha o mundo? Um dia, na escola, dois meninos foram descobertos praticando a pederastia. E sabe o que aconteceu com eles? Foram arrastados, sem roupa, pelo pátio, para servirem de exemplo. As famílias deles tiveram que se mudar de Manhattan por vergonha, por medo de represália. Meu pai, quando soube da história, fez um longo sermão, para prevenir possíveis desvios. No ano passado eu vi um dos garotos correndo no Central Park... Parecia uma aberração, cheio de trejeitos femininos, todo pintado... Nem parecia filho de Deus.

**Ângelo** – Vai ver que esse Deus, esse que tem filhos saudáveis e masculinos, não existe. Eu já chamei por ele, várias vezes, e nunca fui atendido.

**Nathan** – Deus não atende quem se adapta ao pecado, como você se adaptou.

*Emma, emocionada com o diálogo.*

**Emma** – Desde que me casei eu só percebi a presença de Deus quando os meus filhos nasceram. No resto do tempo eu fui solenemente ignorada por ele.

**Ângelo** –Se Deus me ignora, deve te ignorar também. Afinal, tudo o que eu sinto, você sente igual.

**Nathan** -Eu sinto pra dentro. Eu sinto pra mim.

**Ângelo** -Eu sinto muito...

*Silêncio.*

**Nathan** -Sua primeira vez como foi?

**Ângelo** - Com um professor. Eu tinha 14, 15 anos, estudava em Roma, num colégio interno. Eu achava aquilo tudo um inferno, mas me dedicava porque era um sacrifício pros meus pais bancar pra mim e pros meus irmãos os estudos. A Itália vivia os últimos dias de guerra e a minha batalha estava só começando. Um dia eu caí, ralei o joelho e esse professor se prontificou a me ajudar. Limpou os meus ferimentos e foi causando tantas outras feridas... feridas que o tempo cuidou de cicatrizar. Eu me recordo da textura da pomada, das mãos dele massageando a minha perna. A dor do machucado, a ardência da ferida, dando lugar à rigidez do meu membro e ao prazer nunca antes sentido. Ele me alisava, me tocava e, quando menos esperava, ele entrou em mim.

**Nathan** -E depois?

**Ângelo** - Depois eu caí tantas outras vezes... Só para ser ajudado pelo meu professor.

**Nathan** -E hoje o professor é você? E eu sou o menino ferido?

**Ângelo** - Com quase quarenta anos de atraso para ter o primeiro machucado desse tipo, não acha?

**Nathan** -Na minha idade um ferimento desses pode ser fatal.

**Ângelo** - Ninguém é muito velho pra começar a viver.

**Nathan** -Nem muito jovem pra se criar algum juízo.

**Ângelo** - Você me acha um desajuizado?

**Nathan** -Um garoto perdido.

**Ângelo** - Eu deixei de ser garoto quando perdi pai, mãe, irmãos, casa, almoço de domingo...

**Nathan** -Eles morreram?

**Ângelo** - Não. Quem morreu fui eu. Morri pra eles. Fui enterrado vivo, sem direito a missa, luto ou saudade. Fui jogado na rua, ao relento. E sabe por quê? Porque um dia eu decidi que o primo Vittorio deveria aprender o que eu tinha aprendido. Cuidei das feridas dele da mesma forma que fizeram comigo. E ele gostou. Eu também gostei. Aquela cena só desagradou ao meu pai, que chegou mais cedo em casa e me viu de calça arriada dando ao meu primo o prazer que nenhuma mulher seria capaz de lhe dar.

**Nathan** -E você não se desculpou? Não prometeu que podia mudar?

**Ângelo** - Não há perdão pro homem que se deixa penetrar. Se você é o ativo, talvez tenha regeneração... era isso que o meu pai gritava. Eu era uma mulherzinha. Meu primo era o garanhão.

**Nathan** -Você apanhou?

**Ângelo** - Muito. Mas de cabeça erguida. Não chorei, não me mostrei sofredor. Apenas aceitei a minha sina. E fui pagar a conta da compra que eu tinha feito.

**Nathan** -Que compra?

**Ângelo** - Comprei a minha liberdade, com as alegrias e os pesares, com tudo o que eu tinha direito. Depois eu fui me achando ali, me perdendo acolá. E vim parar aqui, em Nova York.

**Nathan** -E resolveu ganhar a vida tirando a roupa... A sua história triste só confirma a minha certeza de que essa safadeza é coisa de gente louca, doente, que precisa ser lobotomizada. Eu tive um primo que era dado a sodomia, conheço histórias, sei o que estou falando.

**Ângelo** - A medicina tem remédio pra sua doença também?

**Nathan** -Eu estou controlado.

**Ângelo** - Engano seu. Seu estado é terminal. Não há mais vida pra quem abriu mão de viver.

**Nathan** -Você fala da vida como se a sua fosse muito boa.

*Neste momento Billie relembra a história de Ângelo com: LOVE FOR SALE*

**Ângelo** - E é. Do meu jeito eu vou achando graça de cada desgraça que aparece no caminho. Quando a dor aperta eu crio um personagem e acabo transferindo pra ele o meu excesso, a minha carga extra de tristeza. Foi assim que eu me apaixonei pelo teatro. Fingindo que eu era ator, acabei me tornando um. E posso dizer que estive por perto das grandes produções que essa cidade já viu. Atuei em todos os bastidores. Fui pra cama com roteiristas, atores, diretores... Passei por todos os setores do teatro musical. *(Melancólico)* E nunca me convidaram pra fazer um teste. Dizem que eu sirvo pra coxia, mas que não fico bem sob o refletor. Só me deixam ser ator na vida real. Meu palco é a cama, meu camarim é um quarto de motel. E nesse espetáculo não tem pra ninguém. A grande estrela da noite sou eu.

**Nathan** -Você vai ser o meu escândalo.

**Ângelo** - Eu só queria que você fosse o meu final feliz.

## **CENA 9**

*As duas estão bebendo. O clima é de muita intimidade. Escutam Billie cantando*  
*YOU GO TO MY HEAD*

**Emma** – Você é uma incógnita, Ilana!

**Ilana** – Gente, mas eu sou tão simplesinha!

**Emma** – Você pensa que me engana, mas eu sei que você não é exatamente essa pessoa que se faz de governanta de uma casa de família. Você tem requinte, tem leitura, é uma mulher emancipada... Não combina com bandejas, vassouras e avental.

**Ilana** – Mas foi para isso que nós, mulheres, fomos criadas: para servir!

**Emma** – Você só serve aos seus ideais, minha amiga. E eu lamento ter conhecido você tão tardiamente. Se tivesse chegado a essa casa há vinte e cinco anos, teria me poupado muitas desventuras.



**Ilana** – Há vinte e cinco anos você não me reconheceria, Emma. Além do mais, tudo tem a sua hora. Eu costumo dizer que nenhuma folha cai do céu sem que Deus não queira.

*O clima muda.*

**Emma** – Ilana, eu já te contei tudo da minha vida, te mostrei os meus cadernos, deixei você apalpar os meus peitinhos... Mas o que eu sei de você? Sei quase nada.

**Ilana** – Não sabe, porque não há nada para saber. A minha vida é assim, desinteressante. Nada do que eu disser irá acrescentar alguma coisa a sua história. O livro da minha vida se resume a dois únicos capítulos: o “agora” e o “aquilo que está por vir”.

**Emma** – Eu me interesso pelo “antes”. Pode começar.

**Ilana** – Na minha idade o “antes” já foi esquecido, Emma. Ou melhor, foi superado.

**Emma** – Se houve superação, também deve ter havido problemas. Ilana, quem é sua família? Você teve marido, filhos, pai, mãe, irmãos?

**Ilana** – *(Debochada)* Não, Emma. Eu nasci por anunciação de um anjo. Vim ao mundo pelo bico de uma cegonha.

**Emma** – Não brinque, eu falo sério.

**Ilana** – Eu também falo sério. Eu não tenho família. Eu sou a minha própria árvore genealógica. Todos nascem e morrem em mim. Eu mesma, morro e nasço todo dia, como num ritual de purificação. Sabe, Emma, eu não falo de mim porque não há texto na minha vida. Eu sou feita de silêncio, de observações. Eu falo do mundo, das coisas que eu leio, mas eu mesma não tenho uma história pessoal para contar. A minha história é a história de todas as mulheres que vieram antes de mim. E eu só queria que essa história mudasse, para que as futuras gerações não precisem viver o que nós vivemos.

**Emma** – Então nós vivemos histórias parecidas? Por isso você...

**Ilana** – *(Interrompe)* Não tente encontrar sua história na minha. Você é capaz de escrever roteiros muito mais interessantes do que a minha vida clichê. Mas se faz questão de saber, vou te contar os capítulos publicáveis. Eu fui uma menina criada

para o casamento, para a maternidade e para as consequências dessa monotonia. Passei anos esperando a minha chance de cumprir a trajetória da minha mãe, das minhas tias, das minhas irmãs. Até que um dia eu me vi casando, sendo dona de casa, procriando, amando o meu marido e, finalmente, descobrindo que aquela não era a minha vida. Na verdade, a culpa desse descontentamento foi da minha mãe. Ela era uma mulher a frente do seu tempo, tão diferente das outras. Um dia, quando eu fiz quatorze anos ela me chamou para uma conversa e me disse tudo o que, segundo ela, uma mulher deveria saber. Eu achei aquilo muito estranho, eu era tão nova e as mães nunca conversam essas coisas com as filhas... Minha mãe queria que eu soubesse como era a vida e o que eu poderia fazer para modifica-la, em meu favor. Dali a alguns meses, ela morreu. E eu fui criada, meio a contragosto, pelas minhas irmãs mais velhas. Elas eram diferentes da minha mãe. E, por tristeza, talvez, eu me esqueci dos conselhos dela e passei a me guiar pelas falas severas daquelas mulheres amarguradas da minha família... Mas um dia a idade chega e a gente fica menos permissiva com o que nos faz mal.

**Emma** – O seu marido te fez algum mal?

**Ilana** – Não há pessoa no mundo que só nos faça bem. Com meu marido foi assim: coisas boas, coisas ruins e, no final, a despedida que leva um pouco de mim com ele, que deixa um pouco dele em mim.

**Emma** – Há um tom de tristeza na sua voz...

**Ilana** – Eu não costumo trazer o passado como excesso de bagagem.

**Emma** – E onde está o seu marido agora?

**Ilana** – Morto! Não existe mais “o meu marido”. A gente deixa de existir quando parte. O “meu marido” está enterrado em alguma esquina do meu esquecimento.

**Emma** – Perdoe a minha indiscrição. Eu só queria...

**Ilana** – Não se constranja. Eu já me acostumei com as despedidas. Nem dá tempo para sentir saudade porque até mesmo a nostalgia não resiste a um novo amanhecer.

**Emma** – Você é uma fortaleza, Ilana.

**Ilana** – Estou mais para queda d’água, querida. Eu me jogo lá de cima e depois deixo o rio correr. Nunca estou na margem, gosto de ser correnteza, gosto de não ficar. Não sou planta para ter raízes.

**Emma** – Isso quer dizer que um dia você vai partir dessa casa? Vai me abandonar.

**Ilana** – Abandonar? Você acha mesmo possível abandonar quem mora dentro de você? Onde estão seus filhos agora?

**Emma** – No colégio interno, você sabe. O Peter não suporta crianças e eu tive que acatar a decisão dele. Só vejo os meus filhos a cada quinze dias. Eles estão cada

vez mais crescidos e eu tenho a sensação de que não os vi crescer. Às vezes eu penso que eles se esquecerão de mim...

**Ilana** – Eles terão a vida deles, Emma. E ainda que você não os veja por meses, anos, eles nunca sairão de você. Continuarão no seu ventre, na sua memória, nas suas noites mal dormidas por preocupação, por saudade. A saudade ao arrumar o quarto do filho ausente, a lágrima que escorre quando você prepara a comida que ele mais gosta, o cheiro do material escolar quando entramos numa papelaria. Nada disso nos abandona...

**Emma** – E o seu filho onde está?

**Ilana** – No mundo. Seguindo os passos dele. Mas também está aqui, ainda criança, brincando, me contando segredos ao pé do ouvido.

**Emma** – Por que você não vai...

**Ilana** – Atrás dele? Eu não posso, Emma. Há momentos na vida em que só restam duas alternativas para a mulher: ser mãe ou ser feliz. Eu optei pela segunda. E não me culpo por isso. Aliás, culpa é uma palavra que não faz parte do meu vocabulário.

*Elas se olham em silêncio. Se abraçam. Aos poucos, colocam-se frente a frente, aproximando as bocas. Ensaiam um beijo, mas Ilana escapa e sai de cena. Em outro plano Nathan escreve em seu diário. Emma faz o mesmo e os dois se*

*confessam ao mesmo tempo. Na medida em que se confessam eles se aproximam e quase se beijam. Não o fazem porque estão em tempos diferentes.*

**Nathan** - Eu não tive culpa.

**Emma** - Quando uma pessoa bebe demais o juízo a abandona.

**Nathan** - Eu não sei mais quem eu sou. Eu olho pro espelho e não me vejo, não identifico essas marcas, esses olhos cansados e essa vontade cortante de me virar do avesso.

**Emma** -Eu tenho vergonha de mim. Vergonha das coisas que eu penso. Das coisas que eu sinto. Das coisas que eu faço...

**Nathan** -Eu sou um blefe, um engodo, uma farsa. Aliás, tudo aqui é uma farsa. A gente finge acreditar só pra não deixar de viver.

**Emma** – *(Fechando o diário de Nathan)* Tão diferentes e tão iguais. A história desse homem, ainda que particular, inusitada pra mim, me soa familiar, me faz pensar que eu não estou sozinha nas dores quem ainda me doem.

## **CENA 10**

*Ângelo posa para Nathan. O clima bem íntimo, Billie ajuda no clima, cantando ALL THE WAY.*

**Ângelo** – Você está com medo?

**Nathan** – Medo de que?

**Ângelo** – De não se controlar.

**Nathan** – Hoje estamos sóbrios, rapaz.

**Ângelo** – Eu não estava bêbado aquele dia.

**Nathan** – Mas eu sim. Fica parado, por favor.

**Ângelo** – Você ainda pensa no beijo?

**Nathan** – Eu não quero falar sobre isso. Levanta um pouco a perna direita.

**Ângelo** – Como? Assim?

*Nathan se aproxima para construir a pose. Ângelo segura a mão dele.*

**Ângelo** – Cuidado com essa mão. Eu não me responsabilizo pelas minhas reações.

**Nathan** – Não faz isso, por favor.

*Leva a mão de Nathan até sua coxa.*

**Ângelo** – Eu não estou fazendo nada.

**Nathan** – Por que você está fazendo isso?

**Ângelo** – Porque você quer eu faça.

**Nathan** – Eu não quero nada.

**Ângelo** – Quer sim. Desde o primeiro dia que nos vimos, você me quis.

**Nathan** – Você não sabe o que está dizendo.

**Ângelo** – Pode ser. Mas eu sei o que estou sentindo.

**Nathan** – Eu tenho idade suficiente pra não fazer besteira.

**Ângelo** – E eu já tenho idade pra saber o que eu quero.

**Nathan** – O que você quer?



**Ângelo** – Eu quero você.

**Nathan** – Eu não posso.

**Ângelo** – Você não tem opção.

**Nathan** – Claro que eu tenho.

**Ângelo** – Você é meu.

**Nathan** – Eu não sou.

**Ângelo** – É o meu homem.

**Nathan** – Eu sou seu homem?

**Ângelo** – É o meu amor.

**Nathan** – Eu sou o seu amor?

**Ângelo** – Eu te amo.

**Nathan** – Eu não posso, mas eu também...

**Ângelo** – Também me ama?

**Nathan** – Também te amo.

*Ângelo tira lentamente a roupa de Nathan. A cena entre eles é uma coreografia. Emma coloca Billie na vitrola e acompanha a cena lendo o diário de Ângelo.*

**Emma** – E assim nos tornamos animais, mas éramos humanos em nosso jogo de sedução e súplica. Foi inevitável a explosão daquele vulcão. Eu pedia para você não ir embora, que ficasse para sempre sobre mim, penetrando o meu corpo, beijando a minha nuca, segurando forte o meu cabelo. Sua barba no meu pescoço, seu cheiro se misturando ao meu, sem pudores, sem frescuras ou interdições. Podíamos tudo em nosso movimento lascivo. Éramos deuses e demônios. Éramos nós, como nunca tínhamos sido. Pela primeira vez na vida estávamos inteiros: pele, boca, língua, bunda, pelos, paus, coxas, sentimento, frio, calor, sede, alento... o mundo fazia sentido, finalmente. E eu pensava: agora eu sou feliz. E você dizia que me amava, que viveria para sempre em mim. E eu só podia aceitar o seu amor...

*Nesse momento Ângelo abandona Nathan na cama e vai ao encontro de Emma que, em seu delírio, coloca-se como sujeito da história.*

**Nathan** – Mas o carinho deu lugar à força bruta, você me falava obscenidades, me propunha coisas que eu não entendia direito. Fui ficando com medo da sua ânsia,

da sua vontade de me tomar até onde eu não saberia ir. Quis me livrar de você, mas estávamos colados. Você suava, mas o cheiro era bom, era viril, era impossível escapar. E eu te mordida, de apertava, te absorvia, te lambia o pescoço. Eu queria degustar você, eu queria te tomar, com as minhas mãos, com a boca cheia, sem educação, sem etiqueta. Você era o meu homem, o meu senhor, o meu menino. E eu seria naquele instante o que você quisesse, estava entregue, estava em transe, estava em choque... Mas você fugiu de mim...

*Ângelo retorna para os braços de Nathan.*

**Emma** – E eu te tomei novamente, dessa vez pelas costas. Te mordi, te toquei, te disse insanidades ao pé do ouvido. E você delirou, você gemeu, você se abriu e implorou que eu entrasse em você. Eu entrei, eu fiquei e nunca me senti tão homem quanto ali, nunca me senti tão macho, tão senhor, tão fiel a minha natureza. E você sorria, e eu chorava e o nosso gozo era uma música boa cantada por Deus. Eu te beijava, você me beijava, nós ríamos e não sabíamos mais o que fazer para caber de novo no mundo. Éramos maiores do que qualquer cenário. Éramos felizes em Nova York.

*Nathan e Ângelo se abraçam longamente. Aos poucos, se vestem, olhando nos olhos, sorrindo, cúmplices. A luz está neles, apenas. Billie canta ao fundo. À medida que a luz diminui outro ponto do palco se acende, lentamente. Emma está sentada numa cadeira, muito cansada, adormecida. Tem nas mãos um pepino. Ilana, entra sorradeira no apartamento. Cobre o corpo de Emma com uma manta, tira de suas*

*mãos o diário e o pepino. Sorri. Vai até à máquina de escrever, confere as páginas já produzidas do novo livro de Emma.*

**Ilana** – Cartas na mesa, isca mordida, jogo sendo jogado. Não há vencedores ou derrotados. O resultado é sempre o recomeço. O difícil é virar a página, superar os limites do próprio texto.

*Ilana sai por onde entrou. Faz barulho. Emma se espanta. Estranha a manta, procura pelo diário.*

**Emma** – Agora ando sonhando coisas tão proibidas. Tenho medo da minha própria sombra, dos pensamentos que ela presencia. Nem nas minhas horas mais íntimas e solitárias de imaginação lasciva eu poderia conceber uma cena dessas... Eu estou exausta, eu estou morta, eu estou envergonhada pelo que chamei de vida até aqui. Preciso beber alguma coisa forte, preciso de um banho frio, preciso de choque elétrico, internação, exorcismo ou simplesmente de um homem que faça comigo o que esses dois fizeram.

*Emma vai até o baú e pega uma nova sequência de cartas.*

## **CENA 11**

*Duas cenas acontecem ao mesmo tempo. O acerto de contas entre Nathan e Ângelo e a partida de Ilana da casa de Emma.*

**Nathan** -Quando eu te contratei pra posar pra esse quadro eu não imaginei que...

**Ângelo** –Se apaixonaria? Por que é tão difícil pra você assumir que me ama? Deixa de drama, Nathan. O mundo não acabou porque nós fomos pra cama, porque a minha língua encostou na sua. A rua continua sendo rua, o céu ainda é o céu, homem e mulher, ninguém perdeu o seu papel só porque nós dois nos entregamos.

**Nathan** -Se você topasse fazer as coisas por debaixo dos panos a gente poderia ser feliz, podia ser bacana.

*Ilana, de malas prontas.*

**Ilana** – Emma, eu preciso partir. Já conversamos sobre isso: o mundo é bem maior do que a casa de qualquer pessoa.

**Emma** – Pra você eu sou qualquer pessoa? A minha casa é menor do que o seu mundo? Você não tem família, não tem ninguém... Mas tem a mim. Eu sou sua amiga, sua irmã, sua confidente, sua filha, o que você quiser que eu seja...

**Ilana** – Nossa despedida é temporária, acredite em mim.

**Emma** – Pode ser que eu já esteja morta quando você voltar.

**Ilana** – Emma, deixa de drama!

**Ângelo** – A quem você pensa que engana? Viver escondido como se ninguém soubesse o que a gente faz quando ninguém nos olha? Você acha mesmo que a sua mulher não nota o seu desinteresse pelo corpo dela? Que desde o nosso primeiro encontro é comigo que você sonha toda noite, que é o meu perfume barato que fica entranhado no seu pescoço?

**Nathan** -Minha mulher não tem essa malícia. Ela é uma santa.

**Ângelo** – Mas não é cega. O que você devia dar pra ela era pra mim que você dava. As suas juras ao pé do ouvido era eu quem escutava e não a mãe do seu filho.

**Emma** – Você me iluiu, me encheu de esperança, me fez acreditar que eu era especial. E agora, sai da minha casa, leva toda a fé que eu tinha na humanidade, acaba comigo e ainda diz que vai, mas volta? Eu sou o que? Uma idiota que você seduz com essa conversinha de amiga e que depois joga fora, ignorando que uma pobre senhora, ao ter uma decepção dessas, pode não aguentar?

**Ilana** – Eu venho te buscar. Assumo esse compromisso. Acredite em mim, Emma! Não seja tão carente e melodramática. Pra quem já viveu mais de vinte anos com o Sr. Peter, seis meses a mais não farão a menor diferença.

**Nathan** -Você me tirou do trilho, você me desviou.

**Ângelo** – Você já andava perdido antes de me encontrar. Aliás, eu só fui chamado aqui pra ser uma espécie de bússola.

**Nathan** -Do que você está falando?

**Ângelo** – Esse quadro, essa encomenda. Você acredita mesmo que há uma senhora excêntrica pagando alto pelo seu trabalho? É só colocar dinheiro no meio que todo burguês vira um otário, uma presa fácil, um peixinho no anzol, morrendo pela boca.

**Nathan** -Eu não estou entendendo.

**Ângelo** – Essa aposta entre você e os seus amigos é uma farsa. O que está em jogo não é o seu talento artístico, mas a sua sexualidade. Eles me contrataram pra saber a verdade sobre as suas preferências.

**Nathan** -Não pode ser. Ninguém desconfia de mim.

**Ângelo** – Os semelhantes se reconhecem Nathan.

**Nathan** -Então, os meus amigos...?

**Ângelo** – Doentes também. Enfermos. Pederastas. Sodomitas. Candidatos à lobotomia.

**Emma** – Você veio aqui pra me destruir, pra acabar com o meu sossego. Deve ter sido muito infeliz no seu casamento e resolveu que iria colocar na corda-bamba os matrimônios alheios, para não ficar sozinha na infelicidade. E agora que eu sei que o Peter não é exatamente o que eu mereço, o que você faz? Vai embora, sem me deixar outra opção que não seja o suicídio ou o assassinato!

**Ilana** – Emma, você é uma atriz! Estou chocada!



**Nathan** -E você recebeu dinheiro deles pra me enlouquecer? E aceitou o meu dinheiro para aumentar o seu lucro? E ainda me fala de amor?

**Ângelo** – Amar você nunca esteve nos meus planos. Mas a vida é feita de desengano, de surpresas. Aqui está todo o dinheiro. O seu, o deles... Pode conferir. Eu não gastei nada. Eu só me consumi, me desgastei, me feri, me humilhei e acabei sozinho como sempre estive.

**Ilana** – Você não vai ficar sozinha por muito tempo. Tem seus cadernos, suas pequenas vinganças matrimoniais e uma vida de surpresas que eu vou guardar pra você. A nossa história não acaba aqui, Emma. Não tema. Confia em mim.

*Elas se abraçam. Ilana sai.*

**Nathan** – Eu confiei em você, eu me abri.

**Ângelo** – Eu era desconfiado, mas também cedi, baixei a guarda.

**Nathan** -Toda a minha dor estava guardada e você bagunçou tudo.

**Ângelo** – A sua dor estava exposta, pra mim, pra todo mundo.

**Nathan** – Você foi cruel.

**Ângelo** – Mas você gostou.

**Nathan** – Eu não gostei.

**Ângelo** – Eu te amei.

**Nathan** – Eu te odeio

**Ângelo** – Você me deseja.

**Nathan** – Você me confunde.

**Ângelo** – Eu te satisfaço.

**Nathan** – Você me despedaça.

**Ângelo** – Eu te arrumo, te mostro como você é.

**Nathan** – Eu gosto de mulher.

**Ângelo** – Seu pai queria que você gostasse, mas você não gosta.

**Nathan** – Não fala do meu pai.

**Ângelo** – Então pare de se importar com ele.

**Nathan** – Ele não vai sentir vergonha de mim como o seu pai sente.

**Ângelo** – Seu pai está morto. E sinceramente, com tanta aversão ao sexo com outro homem, devia desejar secretamente ser a mulherzinha de algum amiguinho da sinagoga.

**Nathan** – Não fala assim do meu povo.

**Ângelo** – Eu falo como eu quiser.

**Nathan** – Você é uma bicha qualquer.

**Ângelo** – Bicha sim, mas pelo menos eu sei quem eu sou. Eu não me engano.

**Nathan** – Então, era esse o seu plano? Mostrar pra mim o homem que você acha que eu sou?

**Ângelo** – O homem que você é.

**Nathan** – Chega. Acabou. Você não vai me mostrar mais nada.

*(Nathan aponta uma arma)*

**Ângelo** – Abaixa essa arma, Nathan. Fazer uma loucura agora não vai resolver o problema. Vamos conversar... eu sei que você me ama... Você sabe que eu amo você. A gente pode viver em outro país, em outro lugar...

**Nathan** -O que você chama de vida seria a minha morte. Mas hoje é o seu dia de sorte, Ângelo. Você não vai precisar me encontrar do outro lado. Esse revólver já estava engatilhado e tem apenas uma bala. Um de nós ficará vivo para se lembrar dessa história. E pra se arrepender de ter vivido em pecado.

*(Black out. Tiro).*

**Emma** –*(Desesperada, segurando a arma que encontrou no baú)*  
*Nãooooooooooooo.*

Eu não posso acreditar que esse amor terminou em morte. Quem morreu? Qual dos dois recebeu o tiro? Cadê a carta com o desfecho dessa história? Cade o meu final feliz? Eu não acredito que convivi quatro semanas com essas memórias pra chegar ao fim sem ler a última página. Nathan, desgraçado, volta aqui. Ângelo, pelo amor de Deus, me explica essa cena, me tira desse dilema, acaba com essa dúvida!

*(Batidas na porta. Emma vai abrir, aos prantos).*

**Ilana** –O que está acontecendo, Emma? Abaixa essa arma! Você está passando dos limites. Lá da escada eu já ouvia uma gritaria aqui dentro. Cheguei a pensar que o Peter tinha te encontrado.

**Emma** – O amor, Ilana... Está tudo acabado. Um tiro. Um único tiro...

**Ilana** – Emma, você está bêbada? Você já terminou de escrever o seu livro?

**Emma** – Ilana, eu não te disse? Houve uma morte aqui dentro! Eu senti, desde o primeiro momento em que entrei nesse lugar, que havia um clima de morte no ar, um clima de despedida.

**Ilana** – Emma, minha amiga, você está com a maquiagem toda borrada!

**Emma** – Não seja insensível, Ilana. Não faça piada com o sofrimento dos amantes que sucumbem à vida!

**Ilana** – Você já deveria estar acostumada aos desfechos trágicos. Afinal, não é você a escritora dos livros de finais tristíssimos?

**Emma** – Mas dessa vez eu tinha esperança de que tudo acabaria bem... Eles se amavam tão verdadeiramente...

**Ilana** – Então você agora tem esperança, Emma?

**Emma** – Tenha pena de mim, Ilana. Não machuque a minha sensibilidade.

**Ilana** – Você sempre vê maldade nas minhas colocações.

**Emma** – Eu vejo cinismo também, vejo repreensões, julgamentos.

**Ilana** – Só um momento. Trouxe algo para você.

*Ilana tira a última página do diário da bolsa e entrega pra Emma.*

**Emma** – É a última página do diário? Como foi que você...?

**Ilana** – Leia e se acalme. Vou beber um drink enquanto isso.

**Emma** – Eu não tenho coragem. Tenho medo de descobrir qual dos dois está morto.

**Ilana** – Não seja covarde. Morrer todo mundo morre. Mas se há alguém que nos socorre, que vem em nosso auxílio, a vida se prolonga e pode ser melhor do que a gente imaginava.

*Ilana vai para a cozinha. Emma lê a última página.*

**Nathan** – Eu confiei

**Ângelo** – Eu era desconfiado.

**Nathan** -Toda a minha dor.

**Ângelo** – A sua dor estava exposta

**Nathan** – Cruel.

**Ângelo** – Você gostou.

**Nathan** – Não

**Ângelo** – Amei.

**Nathan** –Odeio

**Ângelo** – Me deseja.

**Nathan** – Me confunde.

**Ângelo** – Satisfaço.

**Nathan** – Despedaça.

**Ângelo** – Você é.

**Nathan** – Mulher.

**Ângelo** – Seu pai queria.

**Nathan** – Não fala.

**Ângelo** – Então pare.

**Nathan** – Vergonha de mim.

**Ângelo** – Seu pai está morto.

**Nathan** – Meu povo.

**Ângelo** – Eu falo.

**Nathan** – Bicha qualquer.

**Ângelo** – Eu não me engano.

**Nathan** – Você acha que eu sou?

**Ângelo** – Você é.

**Nathan** – Chega.

*Nathan atira na tela pra qual Ângelo posava. Nathan cai no chão em prantos, Ângelo, pega a arma e põe no baú, depois abraça Nathan por trás. Billie canta THE MAN I LOVE*



**Nathan** – Eu não consigo te matar e nem tenho coragem pra um suicídio.

**Ângelo** - As duas coisas teriam o mesmo efeito. Nenhum de nós conseguiria viver sem o outro.

**Nathan** –O que eu faço com a minha vida? O que eu falo pra minha mulher? Pro meu filho?

**Ângelo** - O tempo cuida de explicar o que nunca foi dito. Esse baú já tem informações o bastante para nos poupar de uma última briga, uma cena melodramática da esposa traída exigindo uma explicação.

**Nathan** –O meu filho...

**Ângelo** - Ele já tem idade suficiente pra saber que a vida não é gerida eternamente por papai e mamãe.

**Nathan** –Você acredita em final feliz, Verlaine?

**Ângelo** - Eu acredito em vocêRimbaud.

*(Eles se beijam)*

## **CENA 12**

**Emma** –(*Emocionada com o desfecho de Nathan e Ângelo*) Nenhuma das minhas fantasias literárias é mais fantástica do que a vida real.

**Ilana** –(*Voltando à cena, intensa*) Pois agora eu vou lhe contar a minha história.

**Emma** – Pra uma mulher sem memória, com presente e porvir apenas, você conhece muito bem alguns passados.

**Ilana** – Felicidade seria não conhecê-los.

**Emma** – Quem são essas pessoas? Por que guardou o desfecho delas na sua bolsa, arrancando a página final de um desenlace tão bonito?

**Ilana** –Eu acredito que a beleza dos desenlaces é uma questão de ponto de vista. Há alguns minutos você falava de morte, de tiro, de tragédia. Bastaram algumas linhas para te fazer mudar de ideia?

**Emma** – É que pela primeira vez eu fui plateia de uma história com final feliz. Na minha vida eu só testemunhei valsas e operetas, sempre com a solenidade usual dos ritos fúnebres. Veja a minha história com o Peter: éramos dois defuntos dividindo o mausoléu herdado da família. Ali em casa nunca houve algo que se pudesse chamar propriamente de vida.

**Ilana** –Mas eu te conheci radiante, Emma.

**Emma** – Você chegou na minha história numa tarde. E de tarde eu sempre fui mais feliz. Era a tarde que eu escrevia, Ilana. De manhã eu era escrava das crianças - mucama de arrumar o quarto, cativa acorrentada na cozinha, ao pé do fogão. E a noite, recebia o açoite do patrão, cumpria a obrigação de toda mulher destinada ao casamento. Quer dizer, quase toda mulher... Porque se bem me lembro, você foi feliz com o seu marido.

**Ilana** –Eu nunca sonhei com o Príncipe Encantado. Mas quando ele chegou, generoso, educado, eu pensei: pode ser que dê certo. Fui me convencendo de que poderia ficar apaixonada, que poderia abaixar a guarda, ser tocada por aquele amor. Ele me trazia presentes, vestidos, chapéu, perfume, flores... Eu era a mulher mais feliz do mundo. Minhas irmãs diziam que homem como aquele estava para nascer. E eu ficava orgulhosa sendo a escolhida pela felicidade entre as mulheres amarguradas da minha família. Depois que mamãe morreu não houve mais um sorriso lá em casa. Minhas irmãs envelheceram dez anos cada, papai ficou surdo e passou a ignorar a gente. Na minha imaginação de menina, eu achava que mamãe estava falando com ele, fazendo declarações de amor ao pé do ouvido. Por isso ele não nos escutava. Meu noivo também não era de muita conversa, mas sorria. E o sorriso dele era o primeiro que eu via depois de anos de silêncio e lágrima. Um dia ele me pediu em casamento e eu não tive dúvidas: estava diante da minha carta de alforria. Teve festa, teve música, teve alegria em nosso casamento. Naquele dia minhas irmãs me abraçaram pela primeira e última vez. Acho que só ali elas se deram conta de que eu existia.

**Emma** – Eu nunca soube o que era um abraço de irmãos.

**Ilana** – Fomos pra noite de núpcias e ele me beijou com uma delicadeza que me fez chorar. Enxugou minhas lágrimas e disse que daquele momento em diante seríamos resgatados de toda e qualquer tristeza. Nós nos amamos, meio sem jeito, um tanto tímidos. Tive a impressão que era também a primeira vez do meu marido. E eu achei aquele gesto bonito: se guardar pra esposa, conhecer o prazer ao lado dela. E assim, desbravadores do mundo, experimentamos o sexo como dois

animais, movidos pelo instinto. Nunca tive pudores com o homem da minha vida. Aceitava cada carícia, dizia sim para qualquer posição que ele quisesse. Sempre de luz apagada. Ele dizia que tinha medo que eu não aprovasse o seu corpo. Tolo! Não sabia que pra mim não havia no mundo homem mais maravilhoso, mais sensível e companheiro. Seis meses depois estava grávida. E, então, ele não quis mais me tocar. À medida que o meu corpo mudava, mais ele se afastava de mim como homem, me tratava como se fosse meu pai. Não havia desejo, paixão, interesse. Apenas respeito, devoção e zelo.

**Emma** – Peter jamais me respeitou. Nunca cuidou de mim.

**Ilana** – Tudo o que eu queria era ser maculada, jogada na cama, tomada por ele, possuída. Mas o homem da minha vida estava cheio de pudores. Eu achei que depois do nascimento, com o meu corpo voltando ao normal, a chama se reacenderia. Mas estava enganada. Depois de grávida eu virei mãe. E uma mãe, segundo ele, era como uma santa: homem nenhum podia tocar. E foi nesse momento que pensei em afogar o nosso filho durante o banho, asfixiá-lo com o travesseiro. Mas logo depois me sentia um monstro e pedia perdão a Deus pelos meus pensamentos. Eu fui me acostumando a não ter um casamento, mas uma sagrada família emoldurada na parede da sala, para fazer inveja às visitas. Mas, apesar de tudo, eu ainda o amava.

**Emma** – Mesmo sem o fogo da paixão, que você sabe, me faz falta, era essa a vida que eu queria.

**Ilana** – Não tire conclusões precipitadas, eu ainda não terminei a minha história.

**Emma** – Desculpe. Eu não consigo conviver com uma pausa dramática. Se eu percebo um intervalo no enredo de alguém, já me apresso a escrever rubricas, a partes e entrelinhas.

**Ilana** – Nosso roteiro mudou quando aquele garoto chegou em nossas vidas.

**Emma** – Que garoto? O seu filho?

**Ilana** – Outro garoto, mais jovem que o nosso menino... Ângelo era o nome dele...

Nesse momento, Ângelo e Nathan voltam ao palco, reproduzindo sem falas algumas de suas cenas.

**Emma** – Então você...

**Ilana** – Sou a mulher judia trocada por outro homem. Eu não queria ser, eu não queria entender o que o meu corpo já percebia. Não era respeito o que o meu marido tinha. Era desinteresse. A mulher sabe quando é tocada de mentira, sabe quando é beijada e transformada em outra pessoa, sabe que não é querida. De luz apagada ele me dava outra vida, outro nome, invertia as posições. Eu era o homem da relação, eu comandava, eu exigia. E tudo o que ele queria era ser tomado por outro da mesma espécie. Eu repetia pra mim todos os dias: esse homem te ama, te dá liberdade na cama, não tem preconceitos ou pudores. Mas era somente um jeito

de aplacar as suas dores, de dar vazão ao seu instinto. Se ontem eu me enganava, hoje eu não minto: nossas noites de núpcias foram efeito do absinto, do álcool que transforma qualquer pessoa na pessoa certa. A verdade sempre esteve na minha cara, descoberta, debaixo do meu teto, mas eu não via.

**Emma** – Então esse apartamento...

**Ilana** – Minha antiga morada. O céu e o inferno num só lugar. Eu morava na parte de cima, onde ficam os quartos. Quase nunca entrava no ateliê. O Nathan dizia que aqui era o seu refúgio, tal como a cozinha era o meu reinado. Pra uma mulher casada é sempre complicado contrariar o marido. Se eu entrei aqui duas ou três vezes enquanto éramos casados foi muito...

**Emma** – Não tinha curiosidade?

**Ilana** – Eu tinha respeito. Mas depois eu tive raiva, imaginei com quantos outros garotos ele se deitava aqui dentro. Os quadros com pintura de mulher eram apenas fachada, disfarce para o seu desejo reprimido.

**Emma** – Você estava lá em cima na hora do tiro?

**Ilana** – Eu estava na casa de uma vizinha quando escutei o tiro. Não tinha pernas e nem coragem pra chegar aqui. Demorei, covarde. Quando cheguei me deparei com a tela destruída, a arma no chão, o baú cheio de cartas... O tiro não foi no retrato do menino. O tiro foi em mim... Devo ter passado alguns dias nesse chão digerindo a minha morte. Vizinhos e parentes entravam e saiam, abutres, liam as cartas e os cadernos, e eu ali, inerte, sem ouvir o que eles diziam. Eu estava morta e esqueceram de me enterrar. Não colocaram nos meus olhos as pedras que impedem o morto de visualizar o sofrimento dos seus, não cobriram os espelhos. Eu via tudo e sofria mais e mais e mais um pouco. Meu filho quebrava os porta retratos, maldizia ter nascido daquele sujeito a quem eu ensinei a chamar de pai. Eu queria poupá-lo dessa vergonha, mas a vida não poupa ninguém. Os dias foram passando, os meses... E eu fui esquecida. Minhas irmãs mandaram um recado pela vizinha: me achavam culpada pela desgraça ocorrida. Diziam: o homem procura na rua o que não encontram dento de casa. E eu me vesti com aquela culpa, eu acatei a sentença... minha avó sempre dizia: nenhuma folha cai da árvore sem que Deus queira...

**Emma** – E seu filho?

**Ilana** – Caiu no mundo. E eu nem tentei impedir, fraca que estava no momento de sua loucura. A ira dele tinha fundamento. A vida inteira comparei seu rosto e seu jeito com os trejeitos do meu marido: tal pai, tal filho – dizia, orgulhosa. Mas agora que o pai tornara-se verdadeiramente conhecido, qualquer semelhança tinha gosto de ofensa. Meu filho decretou a sentença: sairia pelo mundo destruindo tudo que lembrasse a vergonha paterna. Deve ter descontado em outros homens todo medo



que nunca conseguiu superar... Na impotência de matar o pai – confessou-me – mataria todos que se assemelhassem a ele.

**Emma** – E você?

**Ilana** –Pedi a Deus que o perdoasse. Mas não impedi sua partida. Eu também caí no mundo, joguei-me na estrada, entre igrejas e bordéis. Fui conhecer a salvação e o pecado. O certo e o errado... Pra tentar me perdoar. Retomei meu nome de solteira, refiz a minha identidade e sai por ai, de cidade em cidade, oferecendo os meus préstimos de dona de casa. Desabrigada, eu procurava um teto. Quem sabe alguma outra casa pudesse me ensinar aquilo que eu não soube preservar na minha... Mas há casas desabando em toda parte. Na primeira, um jovem casal me contratou como babá da filha recém-nascida. Era uma criança linda, mas não o suficiente para amadurecer aqueles dois. Tinha certeza que um dia encontraria a menina no forno, confundida com um chester por seus pais sempre ocupados. Depois, cuidei uma senhora, viúva, bondosa e rica. Sem amigos, sem apego à própria vida, deixou seus bens para a caridade e me presenteou com algum dinheiro. Fui à Paris com a minha herança. Um dia ouvi alguém dizer que nenhuma dor é feia quando sentida num café, à margem do rio Sena. Eu me agarrei àquela ilusão e parti. Lá, trabalhei na casa de uma mulher que, entre outras muitas qualidades, era amante de um escritor famoso. Foi ela que me disse a frase responsável por mudar a minha vida: não se nasce mulher, torna-se. Depois disso eu entendi que não adiantava fugir, procurar

em outras casas o que eu não encontrei na minha. Só que eu não tinha pra onde voltar. Minha tentativa de regresso à Manhattan foi um fiasco. Cheguei à casa de minhas irmãs - a casa onde nasci e me criei - e era simplesmente o dia do velório de uma delas. Comovida, tentei me aproximar do caixão, mas fui impedida pelas outras. A mais velha me pegou pelo braço e disse que eu era a vergonha, o desgosto, o embaraço daquela família. Todos comentavam o meu fracasso como esposa... Trocada por um menino. Se eu tivesse uma arma naquele instante mataria a todos sorrindo... mas meu coração, cansado de tanta mágoa, me tirou daquele lugar. Nenhuma mulher gosta de ser trocada, preterida, enganada, traída, conduzida ao posto da vítima que, em alguma medida, de certa forma, é culpada pela violência sofrida. Se o marido procurou fogo fora de casa é porque a esposa foi fria quando ele a queria incandescente. Devia ser tempestade, mas só conseguia ser calma. E, aos poucos, ela vai se convencendo da própria culpa, se penitencia, castiga o corpo, a alma, a alegria... desiste de sorrir, não se perdoa. Esquece até mesmo que foi boa, mãe devotada, matriarca prendada, pau pra toda obra, submissa, educada, surda, muda e cega, como convém à esposa que renega tudo aquilo que não seja a vontade do marido. O que ele não tem em casa, busca na rua. E já não adianta você ficar nua diante do espelho ensaiando uma pose atraente pra agradar aquele homem já muito feliz em outra cama. A traição sempre foi um drama pra esposa trocada por outra, mas há um grito que imobiliza a boca quando a filial descoberta, a aventura extraconjugal indiscreta, envolve um homem que é o homem do homem que deveria ser seu. O que o outro tem você perdeu no dia do nascimento. É concorrência desleal, é desalento, é aflição, é vergonha, é tapa na cara, desonra, afronta, punição. À mulher cabe decidir: assassinato, suicídio ou perdão.

**Emma** – E você perdoou?

**Ilana** – Pus de novo o pé na estrada e fui amparada por duas mulheres já meio senhoras. Intelectuais, feministas, solidárias ao meu desespero. Passei um ano morando com elas, mas só depois de dois meses eu entendi que elas eram um casal, uma família. Não havia nada de anormal entre elas, a não ser o amor e o respeito, itens em falta na maioria das casas.

**Emma** – E de lá você foi para a Filadélfia...

**Ilana** – E o resto da história você já sabe.

**Emma** – Eu sei. E deveria estar te odiando por isso. Jogar assim, comigo, com as minhas emoções, com os meus sentimentos. Em que momento você decidiu me fazer de idiota, deixando aberta a porta para a minha imaginação? Você sabe que eu não sou mulher de deixar sossegada as entrelinhas. Eu escavo, eu vasculho, eu desarrumo as emoções alheias para encontrar uma paz qualquer, uma paz que poderia ser minha, mas não é, porque tudo aqui dentro é delírio e confusão. Mas estranhamente eu te perdoo e até acho alguma graça dessa sua loucura. Mesmo enganada, me sentindo uma tola, eu sei que a intenção é boa, que foi necessária a sua manobra.

**Ilana** – Sem a sua dúvida, sem essa vontade de desvendar o mistério, de ser feliz no fim da história, você diria que tudo isso não passaria de uma novela. Eu pensei em te contar a verdade, mas tive receio.

**Emma** – Na sua ética o fim justifica o meio?

**Ilana** – Na sua estética amor e dor fazem uma rima boa.

**Emma** – Você me prendeu nessa história, me enredou. Mas quando eu olho pra trás e vejo de onde vim, lembro que prisão é coisa bem diferente. E você me deu Nova York. Só isso já aumenta o seu crédito comigo.

**Ilana** – Você me redimiou, Emma. Ao seu lado eu tive a chance de fazer as pazes com o otimismo. Quando li os seus romances pensei: a dor colocada no papel é um antídoto pra dor que a gente sente. Você já era bem livre quando eu cheguei naquela casa. Só precisava de alguém que lhe dissesse isso. Precisava de uma leitora atenta.

**Emma** – E não contente em ler o que se passava em mim, você me levou pro mundo, na sua bagagem clandestina.

**Ilana** – Você nem deu por falta dos cadernos roubados.

**Emma** – Eram tantos!

**Ilana** – Alguma coisa me dizia: vai e leva Emma pro mundo.

**Emma** – E assim nasceu Arthur Porter.

**Ilana** – E assim vendemos muitos livros.

**Emma** – E assim você mandou um carro me buscar.

**Ilana** – E você partiu sem olhar pra trás.

**Emma** – Como você me sugeriu numa carta.

**Ilana** – E você me respondeu: "não há dor que resista a um bom livro. Se eu me arrepender, escrevo".

**Emma** – E se eu gostar, escrevo também.

**Ilana** – E de repente eu me vi diante da redenção: eu não saberia colocar no papel a minha dor, mas Emma sim. Por isso te trouxe pra cá, dez anos depois...

**Emma** – E como sabia que eu leria as cartas e os cadernos?

**Ilana** – Porque te conheço e sei que é curiosa. Durante esse mês te observei de longe... sempre com um dos cadernos do Nathan nas mãos. Sabia que se alimentava disso.

**Emma** – E de café.

**Ilana** – E de pepino.

**Emma** – E de esperança. Quando li a dor daqueles homens, tão fortes e tão frágeis, percebi que a dor não era só minha. E que, como eu, outros calavam os gritos para darem vida aos livros.

**Ilana** – Esse livro é o meu acerto de contas com o passado.

**Emma** – É o nosso futuro.

**Ilana** – É o presente que a vida nos dá.

**Emma** – Obrigada, Ilana.

**Ilana** – Agradeça-me fazendo da esposa traída uma heroína elegante e sensual.

**Emma** – Eu faço livros e não propagandas, minha querida.

**Ilana** – Eu faço chantagem: sei tudo da sua vida.

**Emma** – Proposta aceita.

**Ilana** – Vou tomar um café lá embaixo. Quero brindar a minha virada de página. Você vem comigo?

**Emma** – Ainda não. Eu preciso de um tempo para digerir a sua história. Eu vou ficar mais um pouco. Preciso tirar algumas rugas da minha protagonista.

**Ilana** – E alguns quilinhos também. Mas não a melhore demais. Mulheres perfeitas tendem a ser de mentira.

*Sai. Emma vai até a janela. Olha as árvores do Central Park. Começa a ventar. Pela primeira vez Emma se sente feliz ao ser tocada pelo vento. O silêncio é interrompido lentamente por Billie Holiday que canta pela última vez: TENDERLY.*

**Emma** - Eu admiro o silêncio das árvores e a capacidade que elas tem de se transformarem, da semente ao fruto, apenas observando o mundo, serenamente. E mesmo imóveis, elas estão ali, movimentando suas raízes e arrebatando o chão de concreto. Tudo em silêncio.

*Emma volta à máquina de escrever.*

**Emma** –(Escrevendo) Essa é uma história de amor que, por imposição da vida, merece ter um final feliz...

*Emma começa a escrever sem parar, sedenta de palavras, arranca com violência as páginas que escreve e as repõe, seu sorriso é o mais gostoso e puro, ela está*

*criando, aquilo que sabe fazer melhor. Luz vai diminuindo, ficando apenas um pino na maquina de escrever, desce uma tela e nela são projetados os créditos com o nome do elenco. Billie cantando ainda mais alto CRAZY HE CALLS ME*

*Emma continua em cena escrevendo o seu novo livro. Fim dos créditos.*